Master Negative Storage Number

OCI00047.08

Contos de fadas e lobishomens

Porto

1892

Reel: 47 Title: 8

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00047.08

Control Number: ABJ-0095
OCLC Number : 07559920
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 8
Title : Contos de fadas e lobishomens.
Imprint : Porto : Lello & Irmão, 1892.
Format : 32 p. ; 25 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/08/94
Camera Operator: [illegible]

LIVRARIA DO POVO

N.º 29

CONTOS

DE

FADAS E LOBISHOMENS

PORTO

LIVRARIA = *LELLO & IRMÃO* = EDITORA.

18, Rua do Almada, 20

1892.

.3698
331
No. 8

AUG 21 1911

Contos de Fadas e Lobishomens

O CHAPELINHO VERMELHO OU A FADA E O LOBO

Era uma vez uma rapariguinha da aldeia, a mais bonita que podia haver: sua mãe adorava-a, e sua avó, que era a *Fada dos jasmins*, ainda mais. Esta boa mulher deu-lhe de presente um chapelinho vermelho, que lhe ficava tão bem, que a chamaram o Chapelinho Vermelho.

Um dia sua mãe, tendo feito alguns bolos, disse-lhe: — Vae vêr como está tua avó, pois que me disseram que ella estava doente; leva-lhe este bolo e este pote de manteiga. O Chapelinho Vermelho partiu logo para casa de sua avó, que morava n'outra aldeia. Passando n'um bosque, encontrou um lobo com cara de gente, que tinha boa vontade de a comer; mas não ousou fazel-o, por temor de alguns carvoeiros que estavam na floresta. Perguntou-lhe onde ella ia; e a pobre pequena, que não sabia que era perigoso dar attenção a um lobo, respondeu: — Vou vêr minha avó; e levar-lhe um bolo com um pote de manteiga, que minha mãe lhe manda. — Ella mora muito longe? perguntou o lobo. — Não, senhor, respondeu o Chapelinho, é além d'aquelle moinho, que vossê vê lá ao longe, na primeira casa da aldeia. — Pois bem, disse o lobo, eu tambem quero ir vêl-a, vou por este caminho, tu irás por aquelle, e veremos quem chega lá primeiro. O lobo poz-se a correr a toda a pressa pelo caminho mais curto; e a pequenina foi pelo caminho mais comprido, divertindo-se a colher avelãs, a correr atraz das borboletas, e a fazer ramalhetes das flores que via. O lobo não tardou muito a chegar a casa da avó, e bateu á porta: *truz, truz*, mas ninguem respondeu, porque a *Fada dos jasmins*, sabendo quem era, quiz fazel-o persuadir que não havia gente em casa.

Tendo o lobo batido mais duas vezes, sem que lhe respondessem, suppôz que a avó do Chapelinho Vermelho havia saído, e resolveu entrar em casa, para esperar as duas e comel-as. Assim resolvido, levantou a aldraba, e abrindo-se a porta, entrou em casa, onde não viu ninguem; porque a *Fada* se havia escondido em um armario, que estava á cabeceira da cama; d'onde via e observava tudo. O lobo deu duas voltas pela casa, e, vendo-a sósinha, fechou a porta com a aldraba e foi deitar-se na cama da avó, á espera da primeira que apparecesse. Pouco tempo depois chegou o Chapelinho Vermelho, que bateu á porta: *truz, truz*. — Quem esta ahi? — O Chapelinho Vermelho, que ouviu a voz grossa do lobo, teve medo ao principio; mas pensando que sua avó estava rouca, respondeu: — E' sua neta Chapelinho Vermelho, que lhe traz um bolo e um potesinho de manteiga, que minha mãe lhe manda. O lobo gritou-lhe, amaciando a voz: — Levanta a aldraba. A pequenina levantou a aldraba, e a porta abriu-se. O lobo, vendo-a entrar, lhe disse, escondendo a cabeça debaixo dos lençoes: — Põe o bolo e o potesinho da manteiga em cima da mesa, e vem deitar-te comigo. O Chapelinho Vermelho foi-se metter na cama: mas ficou muito admirada de vêr sua avó despida. A pequenina lhe disse: — Ó minha avó! como os seus braços são compridos! É para melhor te abraçar, minha neta. — Ó minha avó! como as suas pernas são grandes! — É para correr melhor, minha neta. — Minha avó! que olhos tem tão grandes! — É para vêr melhor, minha neta. — Minha avó! Para que tem dentes tamanhos!? — É para te comer. E dizendo estas palavras, este mau lobo lançou-se sobre Chapelinho Vermelho para comel-a; mas estacou de repente, ficando sem movimento, porque a *Fada*, saindo do esconderijo, lhe tocou com a sua *varinha de condão*. O Chapelinho Vermelho deu um grito de alegria ao vêr sua avó, que tirou a netinha de ao pé do lobo, mais morta que viva, pelo susto que tivera. Então disse a *Fada* para a netinha: — Que castigo se ha de dar áquelle malvado lobo, que te queria devorar? — Dê-lhe, minha avósinha, o castigo que quizer, respondeu o Chapelinho Vermelho. — Pois então vae para a janella, que verás o que nunca viste. Estando o Chapelinho Vermelho á janella, viu sair de casa o lobo, todo coberto de *busca-pés* (é d'este tempo que data o descobrimento da polvora) desde a ponta do rabo até á do focinho, e ouviu dizer a sua avó: — Vae, malvado, correndo por ahi fóra até que vás apagar o fogo no poço do moinho, onde morrerás afogado. Isto dito, começaram os *busca-pés* a ar-

AUG 15 1917

der, dando tiros tão medonhos, que o lobo fugiu espavorido, e julgando apagar o fogo com agua, foi lançar-se ao rio, que corria perto, afogando-se justamente no *poço do moinho*, que desde então ficou sendo o *poço do lobo*.

Depois d'isto disse a *Fada* para o Chapelinho Vermelho:—Has de prometter-me que de hoje em diante, quando tua mãe te mandar a algum recado, não te has de demorar pelo caminho, nem conversar com quem não conheces, dizendo-lhe o que vaes a fazer; e se assim o fizeres, dou-te por *dom* que serás mui formosa e casarás com um grande fidalgo.

E assim foi: pois crescendo o Chapelinho Vermelho, fez-se tão discreta e tão formosa, que foi pedida em casamento por um grande fidalgo da visinhança, com o qual casou e viveu muito feliz.

AS FADAS OU A MENINA BEM CREADA

Era uma vez uma viuva, que tinha duas filhas; a mais velha parecia-se tanto no genio e na cara com a mãe, que quem via uma, via a outra. Ambas eram tão orgulhosas e tão desagradaveis, que se não podia viver com ellas. A mais moça, que era o retrato de seu pae, pela bondade, era ao mesmo tempo uma das mais lindas raparigas, que se podiam vêr. Como naturalmente se ama o seu similhante, esta mãe era douda por sua filha mais velha e ao mesmo tempo tinha uma forte aversão para a mais nova, que mandava comer na cosinha, e trabalhar continuamente.

Entre outras cousas era preciso que esta menina fosse duas vezes por dia buscar, a uma meia legua grande, de sua casa, um grande cantaro cheio de agua. Um dia, que a infeliz creança estava n'esta fonte, chegou-se a ella uma pobre mulher, e lhe pediu que a deixasse beber.—Pois não! minha senhora, disse esta bella menina; e dizendo estas palavras, tomou agua no melhor sitio da fonte, e lh'a apresentou, sustendo o seu cantaro, para que ella podesse beber mais facilmente. A boa mulher, tendo bebido, lhe disse: —A menina é tão bonita, tão boa, e tão bem creada, que não posso deixar de lhe fazer um *dom*. (Era uma Fada, que tinha tomado a figura de uma pobre aldeã, para vêr até onde iria a boa educação d'esta menina). Eu dou-lhe por *dom*, continuou a fada, que a cada palavra que disser, saír-lhe-ha da bôca uma flôr e uma pedra preciosa. Quando esta boa menina chegou a casa, a mãe ralhou-lhe por haver tardado tanto tempo.—Perdôe-me, minha mãe, por ter tardado. E dizendo estas palavras, deitou pela bôca duas rosas, duas perolas, e tres bons diamantes.—Que é isto? disse a mãe, admirada. Quem te deu isto, minha filha? (Era a primeira vez que a tratava por sua filha). A pobre menina contou-lhe tudo o que lhe tinha acontecido, não sem deitar pela bôca uma infinidade de diamantes.—Realmente, disse a mãe, vou mandar lá tua irmã. Vem cá, Mariquinhas; vem ver o que sáe da bocca de tua irmã quando ella falla; queres tu ter o mesmo dom? vae buscar agua á fonte, e quando uma pobre mulher te pedir de beber, dá-lh'a com muita civilidade.—Pois não! respondeu a mal creada; eu ir á fonte?—Quero que lá vás, disse a mãe, e já Maria foi, mas resmungando. Pegou no mais bonito jarro de prata que havia na casa, e chegou á fonte. Viu logo saír da floresta uma dama magnificamente vestida, que lhe pediu agua para beber. Era a mesma Fada que tinha apparecido a sua irmã, mas que tinha tomado a figura e os vestidos de uma Princeza, para vêr até onde iria a má creação d'esta rapariga. Porventura eu vim cá para lhe dar de beber? disse a malcreada orgulhosa. Era o que me faltava, trazer eu um jarro de prata para dar de beber á senhora: ora beba na fonte, se quizer. —Sois bem pouco politica! replicou a Fada, sem se encolerisar. Pois bem, já que é tão mal creada dou-lhe por *dom*, que a cada palavra que disser, saír-lhe-ha da bôcca uma serpente e um sapo. Voltou a casa, e sua mãe gritou:—Minha filha! minha filha! então que ha?—Nada, minha mãe! respondeu ella, deitando pela bôca duas serpentes e um sapo.—Oh céos! exclamou a mãe; que vejo! E' tua irmã que tem a culpa; ha de pagar-m'o. E dizendo estas palavras, correu a ella para lhe bater.

A pobre menina fugiu para a floresta visinha. O filho do rei, que voltava da caça, encontrou-a, e vendo-a tão linda, perguntou-lhe o que ella fazia alli sósinha, e por que chorava!—Oh! meu senhor, é porque minha mãe pôz-me fóra de casa. O filho do rei, que viu saír-lhe da bôca seis perolas e seis diamantes, pediu-lhe que lhe dissesse d'onde isto vinha. Ella contou toda a sua historia. O filho do rei ficou namorado d'ella; e considerando que um tal dom valia mais que tudo o que se podia dar em dote a uma princeza, levou-a para o palacio de el-rei seu pae, onde casou com ella. Sua irmã, fez-se aborrecer tanto, que sua propria mãe a poz fóra de casa; e esta desgraçada, depois de ter corrido bastante sem achar ninguem que quizesse recolhel-a, morreu no meio de um bosque.

BARBA-AZUL OU A NODOA DE SANGUE

Era uma vez um homem, que tinha bonitas casas na cidade e no campo, baixella de ouro e prata, moveis mui ricos, carruagens douradas; mas desgraçadamente este homem tinha a barba azul; isto fazia-o tão feio e tão horrivel, que não havia mulher nem rapariga que não fugisse quando o via. Uma das suas visinhas, senhora de qualidade, tinha duas filhas perfeitamente bellas. Elle pediu-lhe uma para casar, deixando-lhe a escolha de qual das duas lhe quizesse dar. Nenhuma d'ellas o queria, não podendo resolver-se a casar com um homem que tinha a barba azul. O que as desgostava mais era que elle tinha já casado com muitas mulheres, sem ninguem saber o que fôra feito d'ellas. O Barba-Azul, para fazer conhecimento, levou-as com sua mãe, e tres ou quatro das suas melhores amigas e alguns mancebos dos arredores, a uma das suas casas de campo, onde ficaram oito dias. Tudo eram passeios, caçadas e pescarias, danças e banquetes, merendas, etc., quasi se não dormia, e passavam-se as noites em divertimentos: finalmente tudo foi tão bem, que a mais nova principiou a achar que o dono da casa já não tinha a barba tão azul, e que era um homem muito bem creado. Logo que voltaram para a cidade, concluiu-se o casamento. No fim de um mez, o Barba-Azul disse a sua mulher que era obrigado a fazer uma viagem á provincia, de seis semanas pelo menos, para um negocio de grande urgencia; e lhe recommendou que se divertisse durante a sua ausencia; que mandasse convidar as suas amigas, que as levasse para o campo, se quizesse, e que se tratassem bem por toda a parte.—Aqui tens, lhe disse elle, as chaves dos dois grandes guarda-roupas; aqui tens as da baixella do ouro e prata, que não serve todos os dias; estas são as da arca onde está o meu ouro e prata, e as dos bahus em que estão as minhas pedrarias; e aqui está a chave que abre todos os quartos. Esta pequenina é a chave do gabinete, que está lá no fim da grande galeria do andar de baixo; abre tudo, corre por toda a parte; mas prohibo-te que vás a este pequenino gabinete e que lá entres; e prohibo-t'o de tal sorte, que se lá vaes, nada ha que não devas esperar da minha cólera. Ella prometteu que observaria exactamente tudo o que lhe ordenava; e elle depois de a ter abraçado, subiu para a carruagem e partiu para a sua viagem. As visinhas e amigas não esperaram que as mandassem convidar para irem a casa da esposa, tal era a sua impaciencia de vêr todas as riquezas da casa. Eil-as ahi a correr por todos os quartos, gabinetes, e guarda-roupas, qual d'elles mais bello. Subiram depois aos guarda-moveis, onde admiraram e belleza a o numero das tapeçarias, dos leitos, canapés, cadeiras, mesas e dos espelhos em que se via a gente desde os pés até á cabeça; ellas não cessavam de exagerar e de invejar a felicidade da sua amiga, que comtudo não se divertia em vêr todas estas riquezas, por causa da impaciencia que tinha de ir abrir o gabinete do andar inferior. Estava tão apressada pela curiosidade, que, sem considerar que não era bonito deixar aquella companhia, desceu por uma escada secreta, e com tal precipitação, que por pouco escapou de quebrar a cabeça duas eu tres vezes. Tendo chegado á porta do gabinete, hesitou algum tempo, pensando na prohibição que seu marido lhe tinha feito, e considerando que podia acontecer-lhe alguma desgraça por ser desobediente; mas a tentação era tão forte, que não pôde vencêl-a; pegou na chavinha, e abriu a tremer a porta do gabinete. Ao principio não viu nada, porque as janellas estavam fechadas; depois de alguns minutos principiou a ver que o sobrado estava cheio de sangue coalhado, no qual reflectiam os corpos de muitas mulheres mortas, suspensas nas paredes; eram todas as mulheres com quem o Barba-Azul tinha casado, e que elle tinha matado umas depois das outras. Ella esteve para morrer com susto, e a chave do gabinete, que tinha tirado da fechadura, caíu-lhe da mão. Tornando um pouco a si, apanhou a chave, fechou a porta, e subiu ao seu quarto para cobrar mais animo. Tendo reparado que a chave do gabinete estava tinta de sangue, limpou-a duas ou tres vezes, mas o sangue não saía; por mais que a lavou e mesmo esfregou com areia, ficou sempre o sangue; porque a chave era Fada, e não havia meio de a poder limpar; quando se tirava o sangue de um lado, elle apparecia no outro. O Barba-Azul voltou da sua viagem no mesmo dia, e disse que no caminho tinha recebido cartas, que lhe davam parte de que o negocio, para o qual tinha partido, se tinha terminado em seu favor. Sua mulher fez tudo quanto pôde para lhe testimunhar que estava contente da sua volta. No dia seguinte elle pediu-lhe as chaves, e ella deu-lh'as, mas com as mãos tão tremulas, que elle logo adivinhou tudo o que tinha succedido.—Porque motivo, perguntou elle, não está aqui a chave do gabinete?—Creio que a deixei lá em cima, sobre a minha mesa.—Vae-m'a bus-

DAMAGED PAGE(S)

car. Finalmente appareceu a chave. O Barba-azul perguntou a sua mulher:—Que sangue é este n'esta chave?—Eu não sei.—Não o sabes? Pois seio-o eu, disse o Barba-azul. Quiz entrar no gabinete? Pois bem! senhora, entrará no gabinete e irá tomar o seu logar ao pé das outras mulheres que lá viu. Ella lançou-se aos pés de seu marido, chorando e pedindo-lhe perdão, com todos os signaes de um verdadeiro arrependimento, de não ter sido obediente. Teria enternecido um rochedo; mas o Barba-azul tinha o coração mais duro que um rochedo.—Pois que vou morrer, respondeu ella debulhada em lagrimas, dê-me ao menos algum tempo para rezar.—Dou-lhe meio quarto de hora, mas nem um minuto mais. Ficando só, chamou sua irmã e disse-lhe:—Sobe ao alto da torre, para vêr se os nossos irmãos véem; prometteram-me que viriam hoje; se os vires, faze-lhes signal que venham depressa. Sua irmã subiu á torre, e a pobre afflicta perguntava-lhe de tempos em tempos:—*Mana, não vês vir ninguem?—Só vejo o sol e a herva verdejante.* Ao mesmo tempo o Barba-azul com um grande cutelo na mão, gritava com força:—Desce depressa, quando não, vou lá acima.—Ainda um minuto! respondeu sua mulher; e disse para a irmã:—*Mana, não vês vir ninguem?—Só vejo o sol e a herva verdejante.*—Então desces, ou eu vou lá acima? gritava o Barba-azul. Eu vou, respondeu-lhe a mulher:—*Mana, querida mana, não vês vir ninguem?*—Eu vejo muita poeira que vem d'aquelle lado.—São os manos? Não, minha irmã; vejo um rebanho de ovelhas.—Desces ou não? tornou o Barba-azul.—Ainda um instante: *Anna, querida irmã, não vês vir ninguem?*—Vejo dois cavalleiros, que véem d'aquelle lado, mas estão muito longe. Deus seja louvado! são os manos. Faço-lhes signal, como posso, que venham depressa. O Barba-azul pôz-se a gritar tanto, que toda a casa tremia. A pobre mulher desceu e foi lançar-se-lhe aos pés, chorando, e toda desgrenhada.—Isso não serve de nada, disse o Barba-azul; deves morrer; e pegando-lhe nos cabellos com uma mão, e com a outra levantando o cutelo, ia cortar-lhe a cabeça. A pobre mulher, voltando para elle os olhos moribundos, pediu-lhe que lhe concedesse alguns minutos mais.—Não, não, encommenda-te bem a Deus: e levantando o braço... N'este momento bateu-se com tanta força á porta, que o Barba-azul suspendeu o golpe; e a porta abriu-se, e os dois cavalleiros entraram, que, desembainhando as espadas, correram direitos ao Barba-azul. Elle reconheceu que eram seus cunhados: um, official de cavallaria, e outro, de infanteria; de sorte que logo fugiu; mas [illegible] irmãos correram atraz d'elle e o apanharam [illegible]. Passaram-lhe as espadas atravez do corpo, e o mataram. A pobre mulher estava quasi tão morta como seu marido, e nem força tinha para se levantar e abraçar os irmãos. Achou-se que o Barba-azul não tinha herdeiros, e que assim sua mulher ficava herdeira de todos os seus bens. Empregou uma parte em casar sua irmã, outra parte em comprar os postos de capitães para seus irmãos, e o resto em casar-se com um homem muito honrado, que lhe fez esquecer o mau tempo que tinha passado com o Barba-azul.

A BELLA ADORMECIDA NO BOSQUE OU A RAINHA LOBISHOMEM

Era uma vez um rei e uma rainha, que tinham tanta pena de não ter filhos, que se não póde exprimir. Foram a todas as caldas do mundo, votos e romarias, tudo foi empregado e sempre debalde. Finalmente a rainha gravidou, e teve uma menina. Fez-se um bonito baptisado; foram madrinhas da princezinha todas as Fadas que se poderam encontrar no paiz (eram sete), para que, cada uma, fazendo-lhe um *dom*, como era o costume das Fadas n'aquelle tempo, a princeza tivesse d'este modo todas as perfeições. Depois do baptismo, toda a companhia tornou para o palacio, onde havia um grande banquete. Pôz-se diante de cada Fada um talher de ouro massiço, em que havia uma colher, um garfo e uma faca de ouro fino, cravejados de diamantes e de rubis. Mas quando todos se tinham sentado, viu-se entrar uma Fada velha, que se não tinha convidado, porque havia mais de cincoenta annos que ella não tinha saído de uma torre, onde todos pensavam que ella tinha morrido ou estava encantada. O rei mandou-lhe dar um talher; mas não houve meio de lhe dar um talher de ouro como ás outras, porque só se tinham mandado fazer sete. A velha pensou que a desprezavam, e resmungou algumas ameaças por entre dentes. Uma das Fadas que estava ao pé d'ella ouviu-a e pensando que ella poderia dar algum mau *dom* á princeza, foi, logo que a gente se levantou da meza, esconder-se atraz da tapeçaria, para ser a ultima a fallar e poder reparar, quanto fosse possivel, o mal que a velha tivesse feito. As Fadas principiaram a fazer os seus *dons* á princezinha. A mais moça disse que ella seria a mais linda mulher do

[illegible] outra, que ella seria muito espirituosa; [illegible] que teria muita graça em tudo quanto [illegible]; a quarta, que dançaria perfeitamente; [illegible] quinta, que cantaria como um rouxinol; a sexta, que tocaria todos os instrumentos na ultima perfeição. A velha, chegando a sua vez, disse, abanando a cabeça, que a princezinha furaria a mão com um fuso, e que morreria d'isso. Este terrivel *dom* fez tremer toda a companhia, e toda a gente chorou. N'este momento a Fada escondida saiu detraz da tapeçaria, e disse em alta voz estas palavras:—Rei e rainha, a princeza não morrerá; é verdade que não tenho poder bastante para desmanchar o que está feito; a princeza furará a mão com um fuso; mas em logar de morrer, caírá sómente em um profundo somno, que durará cem annos; no fim d'este tempo o filho de um rei virá despertal-a. O rei, para evitar a desgraça annunciada pela velha, fez logo publicar um decreto pelo qual prohibia o uso do fuso, sob pena de morte. D'alli a quinze ou dezeseis annos o rei e a rainha foram a uma quinta, e aconteceu que a princeza, correndo um dia todos os quartos, subiu a uma agua-furtada onde uma velha estava sósinha a fiar n'uma roca: Esta boa mulher não tinha ouvido fallar da prohibuição do rei.—Que faz, boa mulher? perguntou a princeza.—Eu fio, minha menina, respondeu a velha, que não conhecia a princeza. —E bem bonito; e como faz vocemecê? Deixeme ver se eu saberei tambem fiar. Pegou no fuso, e como era muito viva, e demais porque a decisão da Fada assim ordenava, furou a mão e caiu desmaiada. A boa da velha, toda [illegible]nada, gritou que lhe acudissem; veio gente; applicaram-se todos os remedios á princeza, mas foi o mesmo que nada. Então o rei, que tinha subido para ver o que era, lembrou-se da prophecia das Fadas, e mandou pôr a princeza no mais bello quarto do palacio, sobre um leito bordado a ouro e prata. Dir-se-hia que era um anjo, tal era a sua belleza; pois que o desmaio não lhe tinha feito perder as vivas côres do lindo rosto, e os labios eram como o coral; só os olhos estavam fechados, mas ouvia-se respirar docemente, o que tudo mostrava que ella não tinha morrido. O rei ordenou que a deixassem em socego até que viesse a hora de acordar. A boa Fada, que lhe tinha salvado a vida, condemnando-a a dormir cem annos, estava no reino de Matequim, a doze mil leguas de distancia, quando a princeza adormeceu; mas foi advertida no mesmo dia por um pequeno anão que tinha botas de sete leguas (eram botas com as quaes se faziam sete leguas de cada passo). A Fada partiu logo e chegou ao palacio n'um carro de fogo puxado por dragões. Ella approvou tudo o que se tinha feito; mas como era previdente, notou que quando a princeza acordasse, ficaria aterrada por se achar só n'este grande palacio; para obstar a isso, eis aqui o que ella fez: tocou com a vara tudo o que estava no castello (excepto o rei e a rainha), aias, damas de honor, criadas, gentis-homens, mordomos, cozinheiros, guardas, porteiros, pagens; e tocou tambem os cavallos das cavallariças, cocheiros, lacaios, e mesmo *Fineta*, cadellinha da princeza, que estava ao pé d'ella sobre a cama. Tendo-os tocado, todos adormeceram, para só acordarem ao mesmo tempo que a menina, e estarem promptos para a servir, quando ella precisasse. Mesmo os espetos que estavam ao fogo, cheios de perdizes e de codornizes, adormeceram, e o fogo tambem. Tudo isto se fez n'um momento. Então o rei e a rainha, tendo beijado a sua cara filha, saíram do palacio, e mandaram publicar rigorosas prohibições de chegar a este palacio. Esta prohibição não era necessaria; porque dentro d'um quarto de hora, cresceu á róda d'este palacio uma tão grande quantidade de arvores, grandes e pequenas, de silvas e espinheiros entrelaçados uns nos outros, que nem homem nem animal lá podiam entrar; de sorte que só se via o alto das torres do castello, e isso de bem longe.

Cem annos depois, o filho do rei que reinava então, e que era de outra familia differente da princeza adormecida, tendo ido á caça por aquelle lado, perguntou que torres eram aquellas que elle via por cima de um grande bosque tão espesso. Cada qual respondeu segundo o que tinha ouvido dizer: uns diziam que era a morada de todos os feiticeiros e bruxas do paiz. A opinião mais commum era que morava lá um lobishomem, e que para lá levava todos os meninos que podia apanhar para os comer mais á sua vontade, sem poder ser perseguido, pois que só elle podia passar atravez do bosque. Um aldeão fallou e disse: Meu principe, ha mais de cincoenta annos que eu ouvi dizer a meu pae, que havia n'aquelle palacio uma princeza, a mais linda mulher que então havia; que devia alli dormir cem annos, e que seria acordada pelo filho de um rei, para quem ella estava reservada. O joven principe, ouvindo isto, sentiu-se todo em fogo; julgou immediatamente que daria fim a tão bella aventura; impellido pelo amor e pela gloria, decidiu-se a ir vêr o que era. Apenas elle caminhou para o bosque, logo todas as arvores, to-

dos os silvados e espinheiros se abriram para o deixar passar. Caminhou para o palacio que via no fim de uma alameda em que entrou, e o que o fez admirar, foi que nenhuma pessoa da sua companhia o tinha podido seguir, porque as arvores se tinham de novo fechado logo que elle passou. Continuando o seu caminho, porque um principe moço e amoroso é sempre valente, entrou n'um grande pateo, onde tudo o que viu ao principio era incapaz de gelar de mêdo. Era um silencio terrivel; por toda a parte se viam corpos de homens e de animaes estendidos, que pareciam mortos; mas logo viu que dormiam, pelas suas faces rosadas. Passou um grande pateo, lageado de marmore; subiu a escada; entrou na sala dos guardas que estavam em alas, armas ao hombro, dormindo o qual melhor. Atravessou muitos quartos cheios de gentis-homens e de damas, dormindo todos, uns de pé, e outros sentados. Entrou em um quarto todo dourado, e viu sobre uma cama, cujas cortinas estavam abertas de todos os lados, o espectaculo mais bello que jámais tinha visto: era uma princeza que parecia ter quinze ou dezeseis annos. Chegou-se trémulo e admirado, e pôz-se de joelhos diante d'ella. Então, como o fim do encanto tinha chegado, a princeza acordou, e olhando para elle com olhos mais ternos do que uma primeira vista parecia permittir, disse :—Sois vós, meu principe? Tendes-nos feito esperar bastante tempo. O principe encantado com estas palavras, e ainda mais pela maneira com que eram ditas, não sabia de que modo testimunhar-lhe a sua alegria e gratidão, certificou-lhe que a amava mais que a si proprio. Os seus discursos desordenados ainda agradaram mais; pouca eloquencia, muito amor. Elle estava mais embaraçado do que ella, e não é de admirar; pois que a princeza tinha tido tempo de pensar no que devia dizer; porque a boa Fada, durante um somno tão longo, lhe tinha procurado o prazer dos sonhos agradaveis. Emfim, havia quatro horas que fallavam, e ainda se não tinham dito metade das cousas que tinham que se dizer.

Todas as pessoas que estavam no palacio tinham despertado com a princeza, e, como não estavam namoradas, morriam de fome. A dama de honor impacientou-se, e disse em voz alta á princeza que a mesa estava posta. O principe ajudou a princeza a levantar-se; ella estava vestida magnificamente, mas o principe teve muito cuidado de lhe não dizer que estava vestida como sua visavó. Passaram a um salão cheio de espelhos, onde ceiaram, servidos pelos officiaes da princeza. Os musicos tocaram minuetes antigos, mas excellentes, porque haver cem annos que já ninguem os tocava. Depois de ceiar, sem perda de tempo, o capellão-mór os casou na capella do palacio, e a dama de honor fechou-lhes as cortinas. Dormiram pouco; a princeza não tinha grande precisão d'isso; e o principe deixou-a pela manhã, para tornar para a cidade, onde seu pae devia estar inquieto. O principe disse ao pae que se tinha perdido na floresta, e que tinha dormido na cabana do um carvoeiro, que lhe tinha dado pão de rala e queijo; o rei seu pae, que era bom homem, acreditou-o; mas a rainha sua mãe, que era desconfiada, não ficou muito persuadida da historia contada pelo principe. A rainha, vendo que elle ia quasi todos os dias á caça, e que sempre tinha um pretexto para se desculpar quando dormia duas ou tres noites fóra, não duvidou que elle tivesse alguns amores. O principe viveu assim occultamente com a princeza mais de dois annos, e teve dois filhos, dos quaes o primeiro, que era uma menina, foi chamada *Aurora*, e o segundo *Dia*, porque parecia ainda mais bello que sua irmã. A rainha disse muitas vezes a seu filho, para o fazer explicar, que na vida se devia a gente contentar de tudo: mas elle nunca ousou confiar-lhe o seu segredo, porque temia, posto que a amava, que ella fizesse alguma crueza por ella ser de raça de lobishomem, e o rei só tinha casado com ella por amor de suas immensas riquezas. Dizia-se mesmo na côrte que ella tinha as inclinações dos lobishomens, e que quando via passar meninos, lhe custava muito o não se deitar a elles; assim o principe nunca quiz dizer nada. Mas quando o rei morreu, mas que aconteceu d'alli a dois annos, elle declarou publicamente o seu casamento, e foi com grande ceremonia buscar a rainha sua esposa ao seu palacio. Fez-se-lhe uma recepção magnifica na capital, onde ella entrou com os seus dois filhos. Algum tempo depois o novo rei foi fazer a guerra ao imperador Cantalabuto, seu visinho. Deixou a regencia do reino á rainha, sua mãe, e recommendou-lhe muito sua mulher e seus filhos, pois devia passar todo o verão na guerra; e logo que elle partiu, a regente mandou sua nora e seus netos para uma casa de campo, para poder mais facilmente saciar a sua horrivel vontade. Foi lá alguns dias depois, e uma noite disse ao seu cozinheiro:—Amanhã ao jantar quero comer a pequena *Aurora*.—Oh! senhora!—Quero-o eu, disse a rainha (e isto com modos de lobishomem que tem vontade de comer carne fresca) e quero que m'a faças com môlho apurado.

O pobre homem do cozinheiro vendo que não devia gracejar com uma tal mulher, pegou em uma grande faca, e subiu ao quarto de Aurora, ella tinha então quatro annos, e assim que viu o cozinheiro, pôz-se diante d'elle a saltar mui contente e a pedir-lhe bolinhos. Elle pôz-se a chorar, porque era muito bom homem, e a faca caiu-lhe das mãos. Deixou a princezinha Aurora, foi ao curral buscar um cordeiro, e fez-lhe um môlho tão saboroso, que sua ama disse-lhe que nunca tinha comido tão bom guisado. Elle tinha dado a pequena Aurora a sua mulher para a esconder em casa.

Oito dias depois a malvada rainha-mãe disse ao cozinheiro:—Quero comer á ceia o pequeno *Dia*. Elle não replicou, resolvido a enganal-a como da primeira vez. Foi buscar o Diasinho, e achou-o com um pequeno flerete na mão a brigar com um grande macaco; e comtudo elle só tinha tres annos. Levou-o a sua mulher, que o escondeu com a pequena Aurora, e em logar do menino deu a sua ama um cabritinho mui tenro, que a lobishomem achou optimo.

Até então tinha isto ido bem; mas uma tarde esta má rainha disse ao cozinheiro : — Quero comer a rainha, minha nora, com o mesmo môlho que seus filhos. Foi então que o cozinheiro desesperou de podel-a ainda enganar. A joven rainha tinha vinte annos, sem contar os cem que tinha dormido; a sua carne era alguma cousa dura, apezar de que a sua pelle era muito branca e bella; e não havia meio de achar um animal, cuja carne fosse tão dura como a d'ella! Tomou a resolução, para salvar a sua vida, de cortar a cabeça á rainha, e para este fim subiu ao seu quarto. Elle tratou de se revestir de coragem e de furor, e entrou com o punhal na mão na quarto da joven rainha; e como não quiz surprehendel-a, disse-lhe com muito respeito, a ordem que tinha recebido da rainha regente.— Executae a ordem que se vos deu, disse a joven rainha; irei reunir-me com meus filhos, meus pobres filhos, que tanto amei (ella julgava que elles já não viviam depois que lh'os tinham roubado sem lhe dizer nada). — Não, não, minha senhora, respondeu o pobre cozinheiro enternecido, não morrereis, e ireis comtudo reunir-vos a vossos filhos; mas ha de ser em minha casa, onde elles estão escondidos; e eu enganarei ainda a rainha, dando-lhe uma côrça em vosso logar. Levou-a logo para o seu quarto, onde, deixando-a abraçar os filhos, que julgava mortos, e chorar com elles, foi arranjar uma côrça, que a rainha comeu á ceia com tanto appetite como se fosse a rainha moça. A rainha-mãe estava muito contente da sua crueldade, e preparava-se para dizer ao rei, quando elle tornasse, que os lobishomens tinham comido a rainha e os seus dois filhos.

Uma noite, que ella rondava, segundo o seu costume, nos pateos do palacio, para ver se achava alguma carne fresca, ouviu n'uma sala baixa o pequeno Dia que chorava, porque a rainha sua mãe o queria castigar, por causa de algumas travessuras que elle tinha feito; e ouviu tambem a pequena Aurora, que pedia perdão por seu irmão. A lobishomem conheceu a voz da rainha e de seus filhos; e furiosa por ter sido enganada mandou no dia seguinte pela manhã, com uma voz espantosa que fez tremer toda a gente, que pozessem no meio do pateo uma grande tina, que mandou encher de sapos, de viboras, cobras e de serpentes, para n'ella fazer lançar a rainha, seus filhos, o cozinheiro, sua mulher e a criada, que mandou vir com as mãos atadas atraz das costas. Já elles tinham chegado; e os carrascos preparavam-se para os lançar na tina, quando o rei, que se não esperava tão cêdo, entrou no pateo a cavallo. Elle ficou todo admirado e perguntou o que queria dizer aquelle horrivel espectaculo. Ninguem se atrevia a responder-lhe, quando a rainha regente, furiosa, se atirou dentro da tina, e foi devorada n'um instante pelos bichos que lá tinha mandado deitar. O rei teve alguma pena, porque era sua mãe; mas depressa se consolou com ver sãos e salvos sua mulher e seus filhos.

O GATO COM BOTAS

Houve, sabe Deus ha que tempos, um moleiro que, morrendo, deixou a tres filhos que tinha, o seu moinho, o seu burro e o seu gato. As partilhas depressa se fizeram; nem se chamou tabellião, nem procurador, nem escrivão, pois que elles comeriam logo todo o patrimonio. Ao mais velho tocou o moinho, ao segundo o burro, e ao mais novo o gato. Este ultimo não podia consolar-se de tão pouco que lhe pertencera. Meus irmãos, dizia elle, poderão ganhar a sua vida honradamente, vivendo juntos; mas eu, quando tiver comido o meu gato, morrerei de fome. O gato que ouviu este discurso, mas que fingiu nada ter ouvido, disse-lhe com um ar serio:—Não se affiija, meu amo, dê-me cá um sacco, e mande-me fazer um par de botas e verá que não é tão infeliz como diz.

Posto que o dono do gato não contasse muito com elle, tinha-lhe visto fazer tantas peloti-

dos os silvados e espinheiros se abriram para o deixar passar. Caminhou para o palacio que via no fim de uma alameda em que entrou, e o que o fez admirar, foi que nenhuma pessoa da sua companhia o tinha podido seguir, porque as arvores se tinham de novo fechado logo que elle passou. Continuando o seu caminho, porque um principe moço e amoroso é sempre valente, entrou n'um grande pateo, onde tudo o que viu ao principio era incapaz de gelar de mêdo. Era um silencio terrivel; por toda a parte se viam corpos de homens e de animaes estendidos, que pareciam mortos; mas logo viu que dormiam, pelas suas faces rosadas. Passou um grande pateo, lageado de marmore; subiu a escada; entrou na sala dos guardas que estavam em alas, armas ao hombro, dormindo o qual melhor. Atravessou muitos quartos cheios de gentis-homens e de damas, dormindo todos, uns de pé, e outros sentados. Entrou em um quarto todo dourado, e viu sobre uma cama, cujas cortinas estavam abertas de todos os lados, o espectaculo mais bello que jámais tinha visto: era uma princeza que parecia ter quinze ou dezeseis annos. Chegou-se trémulo e admirado, e pôz-se de joelhos diante d'ella. Então, como o fim do encanto tinha chegado, a princeza acordou, e olhando para elle com olhos mais ternos do que uma primeira vista parecia permittir, disse :—Sois vós, meu principe? Tendes-nos feito esperar bastante tempo. O principe encantado com estas palavras, e ainda mais pela maneira com que eram ditas, não sabia de que modo testimunhar-lhe a sua alegria e gratidão, certificou-lhe que a amava mais que a si proprio. Os seus discursos desordenados ainda agradaram mais; pouca eloquencia, muito amor. Elle estava mais embaraçado do que ella, e não é de admirar; pois que a princeza tinha tido tempo de pensar no que devia dizer; porque a boa Fada, durante um somno tão longo, lhe tinha procurado o prazer dos sonhos agradaveis. Emfim, havia quatro horas que fallavam, e ainda se não tinham dito metade das cousas que tinham que se dizer.

Todas as pessoas que estavam no palacio tinham despertado com a princeza, e, como não estavam namoradas, morriam de fome. A dama de honor impacientou-se, e disse em voz alta á princeza que a mesa estava posta. O principe ajudou a princeza a levantar-se; ella estava vestida magnificamente, mas o principe teve muito cuidado de lhe não dizer que estava vestida como sua visavó. Passaram a um salão cheio de espelhos, onde ceiaram, servidos pelos officiaes da princeza. Os musicos tocaram minuetes antigos, mas excellentes, porque — haver cem annos que já ninguem os [illegible] depois de ceiar, sem perda de tempo, o [illegible] ler-mór os casou na capella do palacio, e a [illegible] de honor fechou-lhes as cortinas. Dormiram pouco; a princeza não tinha grande precisão d'isso; e o principe deixou-a pela manhã, para tornar para a cidade, onde seu pae devia estar inquieto. O principe disse ao pae que se tinha perdido na floresta, e que tinha dormido na cabana de um carvoeiro, que lhe tinha dado pão de rala e queijo; o rei seu pae, que era bom homem, acreditou-o; mas a rainha sua mãe, que era desconfiada, não ficou muito persuadida da historia contada pelo principe. A rainha, vendo que elle ia quasi todos os dias á caça, e que sempre tinha um pretexto para se desculpar quando dormia duas ou tres noites fóra, não duvidou que elle tivesse alguns amores. O principe viveu assim occultamente com a princeza mais de dois annos, e teve dois filhos, dos quaes o primeiro, que era uma menina, foi chamada *Aurora*, e o segundo *Dia*, porque parecia ainda mais bello que sua irmã. A rainha disse muitas vezes a seu filho, para o fazer explicar, que na vida se devia a gente contentar de tudo: mas elle nunca ousou confiar-lhe o seu segredo, porque temia, posto que a amava, que ella fizesse alguma crueza por ella ser de raça de lobishomem, e o rei só tinha casado com ella por amor de suas immensas riquezas. Dizia-se mesmo na côrte que ella tinha as inclinações dos lobishomens, e que quando via passar meninos, lhe custava muito o não se deitar a elles; assim o principe [illegible] nca quiz dizer nada. Mas quando o rei morreu, [illegible] que aconteceu d'alli a dois annos, elle declarou publicamente o seu casamento, e foi com grande ceremonia buscar a rainha sua esposa ao seu palacio. Fez-se-lhe uma recepção magnifica na capital, onde ella entrou com os seus dois filhos. Algum tempo depois o novo rei foi fazer a guerra ao imperador Cantalabuto, seu visinho. Deixou a regencia do reino á rainha, sua mãe, e recommendou-lhe muito sua mulher e seus filhos, pois devia passar todo o verão na guerra; e logo que elle partiu, a regente mandou sua nora e seus netos para uma casa de campo, para poder mais facilmente saciar a sua horrivel vontade. Foi lá alguns dias depois, e uma noite disse ao seu cozinheiro:— Amanhã ao jantar quero comer a pequena *Aurora*.—Oh! senhora!—Quero-o eu, disse a rainha (e isto com modos de lobishomem que tem vontade de comer carne fresca) e quero que m'a faças com môlho apurado.

O pobre homem do cozinheiro vendo que não devia gracejar com uma tal mulher, pegou em uma grande faca, e subiu ao quarto de Aurora, ella tinha então quatro annos, e assim que viu o cozinheiro, pôz-se diante d'elle a saltar mui contente e a pedir-lhe bolinhos. Elle pôz-se a chorar, porque era muito bom homem, e a faca caiu-lhe das mãos. Deixou a princezinha Aurora, foi ao curral buscar um cordeiro, e fez-lhe um môlho tão saboroso, que sua ama disse-lhe que nunca tinha comido tão bom guisado. Elle tinha dado a pequena Aurora a sua mulher para a esconder em casa.

Oito dias depois a malvada rainha-mãe disse ao cozinheiro:—Quero comer á ceia o pequeno *Dia*. Elle não replicou, resolvido a enganal-a como da primeira vez. Foi buscar o Diasinho, e achou-o com um pequeno florete na mão a brigar com um grande macaco; e comtudo elle só tinha tres annos. Levou-o a sua mulher, que o escondeu com a pequena Aurora, e em logar do menino deu a sua ama um cabritinho mui tenro, que a lobishomem achou optimo.

Até então tinha isto ido bem; mas uma tarde esta má rainha disse ao cozinheiro: — Quero comer a rainha, minha nora, com o mesmo môlho que seus filhos. Foi então que o cozinheiro desesperou de podel-a ainda enganar. A joven rainha tinha vinte annos, sem contar os cem que tinha dormido; a sua carne era alguma cousa dura, apezar de que a sua pelle era muito branca e bella; e não havia meio de achar um animal, cuja carne fosse tão dura como a d'ella! Tomou a resolução, para salvar a sua vida, de cortar a cabeça á rainha, e para este fim subiu ao seu quarto. Elle tratou de se revestir de coragem e de furor, e entrou com o punhal na mão na quarto da joven rainha; e como não quiz surprehendel-a, disse-lhe com muito respeito, a ordem que tinha recebido da rainha regente.— Executae a ordem que se vos deu, disse a joven rainha; irei reunir-me com meus filhos, meus pobres filhos, que tanto amei (ella julgava que elles já não viviam depois que lh'os tinham roubado sem lhe dizer nada). — Não, não, minha senhora, respondeu o pobre cozinheiro enternecido, não morrereis, e ireis comtudo reunir-vos a vossos filhos; mas ha de ser em minha casa, onde elles estão escondidos; e eu enganarei ainda a rainha, dando-lhe uma côrça em vosso logar. Levou-a logo para o seu quarto, onde, deixando-a abraçar os filhos, que julgava mortos, e chorar com elles, foi arranjar uma côrça, que a rainha comeu á ceia com tanto appetite como se fosse a rainha moça. A rainha-mãe estava muito contente da sua crueldade, e preparava-se para dizer ao rei, quando elle tornasse, que os lobishomens tinham comido a rainha e os seus dois filhos.

Uma noite, que ella rondava, segundo o seu costume, nos pateos do palacio, para ver se achava alguma carne fresca, ouviu n'uma sala baixa o pequeno Dia que chorava, porque a rainha sua mãe o queria castigar, por causa de algumas travessuras que elle tinha feito; e ouviu tambem a pequena Aurora, que pedia perdão por seu irmão. A lobishomem conheceu a voz da rainha e de seus filhos; e furiosa por ter sido enganada mandou no dia seguinte pela manhã, com uma voz espantosa que fez tremer toda a gente, que pozessem no meio do pateo uma grande tina, que mandou encher de sapos, de viboras, cobras e de serpentes, para n'ella fazer lançar a rainha, seus filhos, o cozinheiro, sua mulher e a criada, que mandou vir com as mãos atadas atraz das costas. Já elles tinham chegado; e os carrascos preparavam-se para os lançar na tina, quando o rei, que se não esperava tão cêdo, entrou no pateo a cavallo. Elle ficou todo admirado e perguntou o que queria dizer aquelle horrivel espectaculo. Ninguem se atrevia a responder-lhe, quando a rainha regente, furiosa, se atirou dentro da tina, e foi devorada n'um instante pelos bichos que lá tinha mandado deitar. O rei teve alguma pena, porque era sua mãe; mas depressa se consolou com ver sãos e salvos sua mulher e seus filhos.

O GATO COM BOTAS

Houve, sabe Deus ha que tempos, um moleiro que, morrendo, deixou a tres filhos que tinha, o seu moinho, o seu burro e o seu gato. As partilhas depressa se fizeram; nem se chamou tabellião, nem procurador, nem escrivão, pois que elles comeriam logo todo o patrimonio. Ao mais velho tocou o moinho, ao segundo o burro, e ao mais novo o gato. Este ultimo não podia consolar-se de tão pouco que lhe pertencera. Meus irmãos, dizia elle, poderão ganhar a sua vida honradamente, vivendo juntos; mas eu, quando tiver comido o meu gato, morrerei de fome. O gato que ouviu este discurso, mas que fingiu nada ter ouvido, disse-lhe com um ar serio:—Não se affiija, meu amo, dê-me cá um sacco, e mande-me fazer um par de botas e verá que não é tão infeliz como diz.

Posto que o dono do gato não contasse muito com elle, tinha-lhe visto fazer tantas peloti-

DAMAGED PAGE(S)

cas e habilidades para apanhar ratos, que não desesperou de ser soccorrido por elle na sua miseria.

Quando o gato obteve o que tinha pedido, calçou-se, e pondo o sacco no pescoço, pegou nos cordões com as patas de diante e foi-se para um prado, onde havia muitos coelhos. Metteu farello no sacco, estendeu-se como se estivesse morto, e esperou que algum coelhinho, pouco instruido ainda das astucias d'este mundo, viesse metter-se no sacco para comer o que elle lá tinha mettido. Apenas o gato se havia deitado, entrou um coelho no sacco, e o gato puxando logo pelos cordões, agarrou-o e matou-o sem compaixão. Muito contente com a presa, foi ao palacio do rei, e pediu para lhe fallar. Fizeram-o subir ao quarto de S. M., onde, tendo entrado, fez uma grande cortezia ao rei, e disse-lhe:—Eis aqui um coelho que o senhor marquez de Carabas (nome que se lembrou de dar a seu amo) me encarregou de offerecer a V. M. da sua parte.—Dize a teu amo que lhe agradeço muito. De outra vez o gato foi-se esconder n'um campo de trigo, com o sacco aberto, e quando duas perdizes entraram n'elle, puxou pelos cordões, e agarrou-as ambas. Foi depois offerecel-as ao rei. O rei recebeu ainda com prazer as duas perdizes e mandou-lhe dar alguma cousa. O gato continuou assim, durante dois ou tres mezes, a levar de tempos a tempos ao rei a caça que apanhava para seu amo. Um dia que elle soube que o rei devia ir passear nas margens do rio com sua filha, que era a princeza mais bonita do mundo, disse a seu amo:—Se quer seguir o meu conselho, está feita a sua fortuna; vá-se banhar no rio, no sitio que eu lhe mostrar, e depois deixe-me fazer o que eu entender. O marquez de Carabas fez quanto o seu gato lhe aconselhou, sem saber para que fim. Quando elle se estava banhando, o rei ia a passar, e o gato poz-se a gritar com toda a sua força:—Acudam! acudam ao senhor marquez de Carabas, que se afoga! A este grito o rei pôz a cabeça de fóra da portinhola, reconheceu o gato que tantas vezes lhe tinha trazido caça, ordenou aos seus guardas que fossem depressa acudir ao senhor marquez de Carabas. Emquanto se tirava o pobre marquez da agua, o gato chegando-se á carruagem, disse ao rei, que quando seu amo se estava banhando, tinham vindo os ladrões e lhe haviam levado os vestidos, apezar de ter gritado: aqui d'el-rei! O rei ordenou logo aos officiaes do seu guarda roupa que fossem buscar um vestido dos mais bellos para o senhor marquez, fez-lhe mil caricias, e como os bellos vestidos que lhe acabavam de dar ficavam bem (pois que elle era bello e bem feito de [illegible] pessoa), a filha do rei achou-o muito á sua vontade, e o marquez tendo-lhe deitado duas outras chi[illegible] dellas, muito respeitosas e alguma cousa [illegible]nas, ficou ella namoradissima d'elle. O rei quiz que elle subisse para a sua carruagem e que o acompanhasse no seu passeio. O gato, contente de ver que os seus planos iam bem, partiu adiante, e tendo encontrado uns camponezes que segavam um prado, disse-lhes:—*Boa gente, se não disserdes ao rei que os prados que segaes pertencem ao senhor marquez de Carabas, mando-vos fazer em postas.*—Com effeito o rei perguntou aos segadores de quem eram os prados que segavam.—São do senhor marquez de Carabas, disseram elles, porque a ameaça do gato lhes tinha feito medo.—Tendes uma bella herança, disse o rei ao marquez. O gato, que ia sempre adiante, encontrou alguns homens que revolviam em eiras, tão compridas como a vista, grandes mêdas de trigo, e disse-lhes:—*Boa gente, se não disserdes ao rei que todo este trigo pertence ao senhor marquez de Carabas, mando-vos fazer em postas.* O rei que passou alguns minutos depois, perguntou com effeito a quem pertenciam aquelles trigos.—Ao senhor marquez de Carabas, responderam elles. E o rei felicitou de novo o marquez. O gato, que ia sempre adiante, dizia sempre a mesma cousa a todos os que encontrava, e o rei estava admirado das grandes terras e propriedades do marquez de Carabas.

O gato chegou finalmente a um palacio soberbo, cujo dono era um lobishomem, riquissimo; pois que todas as terras por onde o rei tinha passado eram da dependencia d'este palacio. O gato teve o cuidado de se informar quem elle era, e o que elle sabia fazer; e pediu para lhe fallar, dizendo que não tinha querido passar tão perto do seu palacio, sem ter a honra de o comprimentar. O lobishomem recebeu-o mui civilmente e convidou-o, a que descansasse. Certificaram-me, disse o gato, que vossa excellencia tinha o *dom* de se mudar em todas as castas de animaes; que podia, por exemplo, transformar-se em leão, em elephante?—Isso é verdade, respondeu o lobishomem, e para lh'o mostrar, vae ver-me feito em leão. O gato teve tanto mêdo de ver um leão diante de si, que fugiu logo para os telhados, não sem custo e sem perigo, por causa das suas botas, que não valiam nada para andar por cima dos telhados. Alguns minutos depois, vendo o gato que o lobishomem tinha recuperado a sua primeira fórma, desceu e confessou que tinha tido

[illegible] mêdo.—Tambem me disseram, tor[illegible] gato, mas isso não posso eu crer, que [illegible] tenha tambem o poder de tomar a for[illegible] dos mais pequenos animaes, por exemplo, de se transformar em rato; confesso que julgo isso impossivel.—Impossivel! replicou o lobishomem, o senhor vae vêl-o.—E ao mesmo tempo mudou-se em rato, que se pôz a correr pelo quarto. Tão depressa o gato o viu, saltou-lhe em cima, e comeu-o.

Entretanto o rei que viu de passagem o palacio, quiz entrar. O gato que ouviu o ruido da carruagem, correu para ella e disse ao rei: —Seja V. M. bem vindo ao palacio do senhor marquez de Carabas.—Como, senhor marquez, exclamou el-rei, este palacio tambem é seu? Não ha nada mais bello que este pateo; vejamos o interior. O marquez deu a mão á princeza, e seguindo o rei, que subia adiante, entraram n'uma grande sala, onde acharam uma magnifica merenda que o lobishomem tinha feito preparar para os seus amigos que vieram n'esse mesmo dia, mas que não se atreveram a entrar, sabendo que o rei estava dentro. O rei, contente com as boas qualidades do marquez de Carabas, como tambem sua filha, e vendo as grandes riquezas que elle possuia, disse-lhe, despois de ter bebido cinco ou seis golos do melhor vinho do Porto:—Se o senhor marquez quizer, será meu genro—O marquez, fazendo grandes cortezias, acceitou a honra que lhe fazia o rei, e no mesmo dia casou com a princeza. O gato veio a ser um grande fidalgo, e nunca mais correu a traz dos ratos senão para se divertir.

BORRALHEIRA OU O SAPATINHO DE VIDRO

Era uma vez um fidalgo, que casou em segundas nupcias com a mulher mais altiva que se podia encontrar. Esta tinha duas filhas com o mesmo genio, e que se pareciam com ella em tudo. O marido só tinha do seu lado uma filha que lhe ficára da primeira mulher, dotada de uma mansidão e de uma bondade exemplares. N'isto parecia-se com sua mãe, que tinha sido a melhor pessoa do mundo.

Tão depressa se fez o casamento, como logo a madrasta fez ver o seu mau genio; não podendo soffrer as boas qualidades da menina, enteada, que contrastavam com as más prendas de suas filhas. Encarregou-a das mais vis occupações da casa; era ella que lavava a louça, que esfregava os quartos, e dormia nas aguas-furtadas, em um palheiro, sobre uma enxerga, emquanto que suas irmãs estavam em quartos belissimos, onde tinham camas soberbas, e espelhos em que se podiam ver desde os pés até á cabeça. A pobre menina soffria tudo com paciencia, e não ousava queixar-se a seu pae, que ainda em cima ralharia com ella, porque sua mulher governava-o inteiramente. Quando ella acabava a sua tarefa, ia-se sentar na lareira, junto da chaminé, o que fez com que lhe dessem o nome de *Borralheira*. No entretanto, Borralheira, com os seus maus e sujos vestidos, não deixava de ser cem vezes mais bella que suas irmãs, posto que vestidas magnificamente.

Aconteceu que o filho do rei deu um baile, ao qual foram convidadas todas as pessoas de qualidade. As taes duas meninas de mau genio tambem foram convidadas, porque figuravam muito na cidade. Eil-as ahi muito contentes e occupadas a escolher os vestidos que lhes ficariam melhor. Novo trabalho para Borralheira; pois que era ella que engommava a roupa das suas irmãs. Não se ouvia fallar na casa senão em vestidos.—Eu, disse a mais velha, hei de vestir o meu vestido de velludo encarnado com guarnição e bordados de ouro e perolas.—E eu, disse a mais nova, hei de levar o meu vestido ordinario, mas em compensação hei de pôr o meu manto com flores de ouro e o meu collar de diamantes, que é dos mais bonitos. Chamaram Borralheira para lhe perguntarem o seu gosto pois que a sua opinião é sempre boa. Borralheira aconselhou-as o melhor possivel, e offereceu-se mesmo para as pentear, o que ellas aceitaram. Quando ella as estava penteando, disseram-lhe:—Tomaras tu vir ao baile, não? —Ah! as senhoras gracejam; não é lá o meu logar.—Tens razão; muito se riria quem visse uma Borralheira ir ao baile. Outra qualquer tel-as-hia penteado mal, mas como ella era boa, penteou-as com toda a perfeição.

Estiveram perto de dois dias sem comer, tanta era a alegria que tinham. Quebraram-se mais de doze cordões á força de as apertar, para lhes fazer a cintura mais delgada, e estavam continuamente diante dos seus espelhos.

Finalmente chega o feliz dia, partiram, e Borralheira acompanhou-as com os olhos o maior espaço que pôde; quando as perdeu de vista pôz-se a chorar. A sua madrinha, que a viu debulhada em lagrimas, perguntou-lhe o que tinha. Eu bem queria... eu queria bem... e chorava tanto, que não pôde acabar. A madrinha, que era Fada, disse-lhe:—Tu querias ir

DAMAGED PAGE(S)

ao baile, não é verdade?— Sim, senhora, respondeu Borralheira, chorando cada vez mais. —Pois bem! se fores boa rapariga, eu farei que lá vás. Levou-a para o seu quarto, e disse-lhe: —Vae ao jardim e traze-me uma abobora. Borralheira foi logo colhêr a mais bella que pôde achar, e levou-a a sua madrinha, não podendo adivinhar como esta abobora podésse fazel-a ir ao baile. A madrinha tirou-lhe o miolo, tocou-a com a sua varinha de *condão*, e immediatamente a abobora foi transformada n'uma bella carruagem toda dourada. Depois foi a uma ratoeira, onde encontrou seis ratinhos todos vivos. Ella disse á Borralheira que levantasse um pouco o alçapão da ratoeira, e em cada ratinho que saia dava-lhe com a varinha, e os ratinhos foram transformados em seis magnificos cavallos, côr de rato.

Agora vou vêr se acho alguma ratazana de que possa fazer um cocheiro. Havia tres ratazanas em logar de uma, e a Fada escolheu uma das tres que tinha uma famosa barba, e tocando-a foi logo transformada n'um cocheiro, que tinha lindos bigodes. Depois disse á menina:— Vae ao jardim traze-me seis sardões que acharás por traz do regador. Tão depressa ella os trouxe, logo sua madrinha os transformou em seis lacaios, que subiram logo á trazeira da carruagem com as suas fardas bordadas, que faziam tão bella figura que parecia nunca terem feito outra cousa na sua vida. A Fada disse então á Borralheira: —Já tens com que ir ao baile; estás contente?—Mas hei de ir assim com estes vestidos sujos? A madrinha tocou-a com a varinha, e logo os trapos foram transformados em magnificos vestidos bordados a ouro e prata e cheios de pedras preciosas; depois deu-lhe um par de sapatos de vidro, os mais lindos que se podiam ver. Depois de estar assim bem vestida subiu á carruagem, mas sua madrinha recommendou-lhe, sobretudo, saisse do baile antes de passar a meia noite, porque se ella ficava no baile um minuto mais, a carruagem se tornaria em abobora, os cavallos em ratinhos, os lacaios em sardões, o cocheiro em ratazana, e os seus trapos tomariam a sua primeira fórma. Ella prometteu a sua madrinha que sairia do baile antes da meia noite, e partiu, não cabendo em si de contente. O filho do rei, que foi advertido que acabava de chegar uma grande princeza, que se não conhecia, correu a recebel-a; deu-lhe a mão para descer da carruagem, e levou-a para a sala aonde estava a companhia.

Succedeu então um grande silencio; cessou a dança, a musica calou-se, tanta era a attenção que se prestava em contemplar as grandes bellezas da desconhecida. Só se ouvia um ruido confuso:—Oh! como é bella! O rei mesmo, posto que velho, não cessava de olhar para ella e de dizer em voz baixa á rainha: que havia muito tempo que não tinha visto uma pessoa tão linda e tão amavel. Todas as senhoras consideravam com attenção o seu penteado e os seus vestidos, para mandarem fazer outros iguaes, logo no dia seguinte, comtanto que se achassem fazendas tão bellas e costureiras e modistas capazes de os fazer. O filho do rei pôl-a no logar da honra e abriu o baile com ella. Dançou com tanta graça, que cada vez foi mais admirada. Trouxe-se uma optima merenda, de que o principe não comeu, tão occupado estava a olhar para ella. Foi depois sentar-se junto de suas irmãs, ás quaes fez mil obsequios e civilidades; offereceu-lhes mesmo as laranjas e limões doces que o principe lhe tinha dado, o que as admirou muito, pois que a não conheciam. Borralheira ouviu dar onze horas e tres quartos; fez uma grande cortezia á sociedade, e foi-se embora a toda a pressa. Logo que chegou foi ter com a sua madrinha, e depois de lhe ter dado os seus agradecimentos, disse-lhe que desejaria muito ir ainda no dia seguinte ao baile, porque o filho do rei-lh'o tinha pedido.

Quando ella estava occupada a contar a sua madrinha tudo o que se tinha passado no baile, bateram as suas irmãs á porta; Borralheira foi abrir-lh'a.—Tardastes bem, lhe disse ella espreguiçando-se e esfregando os olhos como se tivesse dormido.—Se tu tivesses ido ao baile, disse uma, estarias de outro parecer e bem contente; foi lá a princeza mais bonita que se podia ver; fez-nos mil obsequios e civilidades, e deu-nos laranjas e limões doces.

Borralheira contentissima perguntou-lhes como se chamava ella; mas ellas responderam-lhe que ninguem a conhecia; que o filho do rei estava inquieto, e que daria tudo quanto ha no mundo para saber quem ella era. Borralheira sorriu-se, e disse-lhes:—Então ella era muito bonita? Oh meu Deus! como sois felizes! eu não poderia vêl-a?

Oh! senhora D. Maria, disse Borralheira a sua irmã mais velha, empreste-me o seu vestido amarello, que traz todos os dias, para poder ir ao baile ver a princeza!—Pois não! Emprestem lá o seu vestido a uma suja Borralheira! Só se eu estivesse douda. Borralheira esperava isto, e ficou bem contente, porque se sua irmã lhe emprestasse o vestido, ficaria assás confusa.

No dia seguinte ás duas irmãs foram ao bai-

te, e Borralheira tambem, mas ainda mais bem vestida que na vespera. O filho do rei esteve sempre ao pé d'ella, fazendo-lhe uma côrte assidua. Como a pequena estava contente, esqueceu o que sua madrinha lhe tinha recommendado, de sorte que ouviu a ultima pancada da meia noite quando ella pensava que só eram onze horas; levantou-se e fugiu com tanta velocidade como uma corça. O principe correu atraz d'ella, mas não pôde apanhal-a; como ella tinha deixado caír um dos seus sapatos de vidro, o principe guardou-o com todo o cuidado. Borralheira chegou á sua casa muito cansada, sem lacaios, sem carruagem, e com os seus trapos, não lhe tendo ficado de toda a sua magnificencia mais do que um dos seus sapatos, irmão d'aquelle que tinha deixado caír. Perguntou-se aos guardas da palacio se tinham visto sair uma princeza; disseram que não tinham visto sair senão uma rapariga muito mal vestida. Quando as duas irmãs voltaram do baile, Borralheira lhes perguntou se se tinham divertido muito, e se a bella dama tinha lá ido; disseram-lhe que sim, mas que tinha fugido á meia noite, e tão precipitadamente, que tinha deixado caír um dos seus sapatinhos de vidro, o mais bonito que podia haver; que o filho do rei o tinha apanhado e que não tinha feito outra cousa senão olhar para elle em todo o resto do baile, e que seguramente elle estava namorado da bella princeza a quem o sapatinho pertencia.

Disseram a verdade, pois poucos dias depois o filho do rei mandou publicar, que casaria com aquella senhora cujo pé fôsse justo ao sapatinho. Principiou-se pelas princezas, depois pelas duquezas, e toda a côrte, mas inutilmente. Levaram o sapatinho a casa das duas irmãs, que fizeram tudo quanto puderam para fazer entrar n'elle o pé, mas não foi possivel. Borralheira que as via, e que logo conheceu o seu sapato, disse rindo-se:—Vejamos se o meu pé entra. As irmãs pozeram-se a rir e a escarnecer d'ella. O gentil-homem que o tinha trazido, olhando com attenção para Borralheira, e achando-a bonita, disse que era muito justo o que ella dizia, e que elle tinha ordem de mostrar o sapatinho a todas as raparigas. Fez sentar Borralheira, e chegando o sapatinho ao seu pequeno pé, viu que entrava sem difficuldade, e lhe ficava muito bem. A admiração das duas irmãs foi grande, mas ainda foi maior quando Borralheira tirou da algibeira outro sapatinho, que calçou no outro pé. N'este momento chegou a madrinha, que, tendo dado com a varinha nos vestidos de Borralheira, lh'os transformou em outros mais magnificos que todos os outros.

Então suas irmãs declararam ser aquella a bella dama que tinham visto no baile. Lançaram-se a seus pés, para lhe pedirem perdão de todos os maus tratamentos que lhe tinham feito soffrer. Borralheira levantou-as e disse-lhes, abraçando-as, que lhes perdoava de boa vontade, e que lhes pedia fôssem sempre suas amigas. Foi depois levada a casa do principe, vestida como estava. Achou-a ainda mais linda que nunca e poucos dias depois casou com ella.

Borralheira, que era tão boa como era bonita, mandou dar quartos no palacio para suas irmãs, e casou-as no mesmo dia com dois grandes fidalgos da côrte.

RIQUETE DA CRISTA OU A PRINCEZA ESTUPIDA

Era uma vez uma rainha, que teve um filho tão feio e tão mal feito, que se duvidou por muito tempo se elle tinha figura de gente. Uma Fada, que assistiu ao seu nascimento, certificou que elle havia de ser muito amavel, porque havia de ter muito espirito; e acrescentou que elle poderia, em virtude do *dom* que lhe fazia, dar tanto espirito como elle tinha á pessoa que mais amasse. Tudo isto consolou alguma cousa a pobre rainha, que estava muito zangada de ter dado á luz um rapaz tão feio. E' verdade que este pequeno, tão depressa principiou a fallar, disse logo cousas admiraveis, e tinha nas suas acções um não sei quê, que encantava toda a gente. Esquecia-me dizer que elle tinha nascido com uma crista de cabellos na cabeça, o que fez darem-lhe o nome de Riquete da Crista; visto que Riquete era o seu nome de familia.

Sete ou oito annos depois, a rainha de um reino visinho teve duas filhas. A primeira era mais bella do que o dia; e a rainha teve tamanho prazer, que se receiou que a sua demasiada alegria lhe fizesse mal. A mesma Fada que tinha assistido ao nascimento de Riquete estava presente; e para moderar a alegria da rainha declarou-lhe que esta princezinha não teria nenhum espirito, e que seria tão estupida como era bella. Isto mortificou muito a rainha; mas, alguns minutos depois teve um desgosto ainda maior, porque a segunda filha que teve achou-se ser extremamente feia.—Não se afflija tanto minha senhora, lhe disse a Fada, porque sua filha terá tanto espirito, como a primeira tem belleza, e nem se reparará que esta lhe falte. —Deus o queira! respondeu a Rainha. Mas não haverá meio de dar algum espirito á mais velha, que é tão linda?—Nada posso fazer em

seu favor a respeito do espirito, mas posso tudo pelo lado da belleza, e como não ha cousa alguma que eu não fassa para a contentar, minha senhora, eu vou dar á menina o *dom* de poder fazer bello ou bella quem ella quizer.

Á medida que estas duas princezas cresceram, as suas perfeições cresceram tambem com ellas, e não se fallava por toda a parte de outra cousa senão da belleza da mais velha e do espirito da mais nova. É tambem verdade que os seus defeitos se augmentaram muito com a idade. A mais nova cada vez se fazia mais feia, e a mais velha cada vez mais estupida; ou não respondia quando se lhe fallava, ou respondia uma tolice.

Demais era tão pouco habilidosa, que não podia arranjar quatro chicaras em cima de uma meza sem quebrar pelo menos uma, nem beber um copo d'agua sem entornar metade no vestido.

Posto que a belleza seja uma grande vantagem n'uma menina, entretanto a mais nova era mais estimada do que a mais velha em todas as sociedades. Ao principio a gente ia para o pé da mais velha para a vêr e admirar, mas depois ia para o pé da outra, que tinha tanto espirito, para lhe ouvirem dizer mil cousas com graça; e todos se admiravam que em menos de um quarto de hora a mais velha não tinha ninguem ao pé de si, e toda a gente estava ao pé da mais nova.

A mais velha, posto que muito estupida, reparou n'isto, e teria dado sem pena toda a sua belleza para ter metade do espirito de sua irmã. A rainha, posto que mulher de muito juizo, não pôde deixar de a arguir muitas vezes das suas tolices, o que esteve para fazer morrer de dôr esta pobre princeza.

Um dia que ella tinha ido para um bosque, para alli se queixar da sua desgraça, viu vir para ella um anão mui feio, mas vestido com toda a magnificencia. Era o principe Riquete, que estando namorado d'ella só por ter visto o seu retrato, corria por todo o mundo, e tinha deixado o reino de seu pae para ter o gosto de a vêr e de lhe fallar.

Contente de a encontrar assim sósinha, chegou-se a ella com todo o respeito e com toda a civilidade, e observando, depois dos comprimentos ordinarios, que ella estava muito melancolica, disse-lhe:—Eu não pósso entender, minha senhora, como uma pessoa tão bella como vossa alteza, póde estar tão triste como parece: pois que, ainda que eu possa gabar-me de ter visto uma infinidade de pessoas bonitas, posso dizer que nunca vi nenhuma assim linda como vossa alteza.—É o senhor que tem a [illegible]dade de dizer isso; e calou-se.—A belleza, [illegible]plicou Riquete, é uma vantagem tão grande, que deve compensar tudo; e quando alguem a tem, nada vejo que posso causar-lhe admiração.—Antes eu quereria, disse a princeza, [illegible] sim tão feia como o senhor o é, e ter espirito, do que ter belleza como tenho; e ser tão estupida como eu sou.—Nada ha, minha senhora, que melhor mostre que se tem espirito, do que crer que se não tem; e é da natureza d'este bem, quem mais tem, mais pensa que lhe falta.—Eu não sei isso, mas sei que sou muito estupida, e d'ahi vem o desgosto que me mata.—Se é só isso o que afflige a vossa alteza, facilmente posso findar a sua dôr.—E como?—Eu tenho o poder, minha senhora, de dar tanto espirito como é possivel, á pessoa que mais devo amar; e como vossa alteza é essa pessoa, só de vossa alteza depende ter muito espirito, comtanto que queira casar comigo.

A princeza ficou sem saber o que havia de responder.—Eu vejo, tornou Riquete, que esta proposição desagrada a vossa alteza, e não me admiro; mas dou-lhe um anno inteiro para se resolver. A princeza tinha tão pouco espirito, e ao mesmo tempo tanta vontade de o ter, que se lhe afigurou que o fim do anno nunca viria; de sorte que aceitou logo a proposição que lhe era feita.

Tão depressa ella prometteu a Riquete que casaria com elle d'alli a um anno justo, que se sentiu differente do que d'antes era, pois teve uma facilidade incrivel para dizer tudo o que lhe agradava, e dizel-o de uma maneira fina e natural. Principiou logo uma conversação galante e sustentada com Riquete, onde ella fallou tão bem, que Riquete julgou ter-lhe dado mais espirito do que tinha guardado para si.

Quando ella voltou para o seu palacio, toda a côrte não sabia que pensar de uma mudança assim subita e extraordinaria; pois que tantas loucuras se lhe tinham ouvido dizer n'outro tempo, tantas cousas sensatas e infinitamente espirituosas se lhe ouviam dizer agora. Toda a côrte teve uma alegria que se não póde imaginar; só sua irmã é que não ficou contente, porque, não tendo já a vantagem do espirito sobre sua irmã, só parecia agora ao pé d'ella uma macaca desagradavel. O rei guiava-se pelos seus conselhos, e ás vezes reunia o seu conselho mesmo no quarto d'ella.

Tendo-se espalhado este boato, todos os principes dos reinos visinhos fizeram grandes esforços para se fazerem amar, e quasi todos a pediram em casamento; mas ella não [illegible]

[illegible] que tivesse sufficiente espirito: como não veio um tão poderoso, tão rico, tão espirituoso, e tão bem feito, que não póde deixar de olhar para elle com favor. O pae, tendo reparado n'isto, disse-lhe que lhe deixava a liberdade de escolher um marido, e que podia declarar-se. Tendo agradecido a seu pae, pediu-lhe que lhe désse tempo para pensar n'isso. Por acaso foi passeiar ao mesmo bosque onde tinha encontrado Riquete, para reflectir mais commodamente no que devia fazer. Subitamente ouviu um ruido surdo debaixo dos pés, como se fossem muitas pessoas que vão, vem e trabalham. Tendo prestado attenção, ouviu que um dizia:—Traz-me aquella panella. Outro:—Dá-me aquella caldeira. Outro:—Põe lenha no fogo. A terra abriu-se ao mesmo tempo, e ella viu debaixo dos pés uma grande cozinha cheia de cozinheiros e de todas as sortes de officiaes necessarios para fazerem um festim magnifico.

Viu sairem vinte ou trinta cozinheiros, que se foram estabelecer n'uma alamêda do bosque, em roda de uma mesa mui comprida, e que todos se pozeram a trabalhar em cadencia ao som de uma cantiga. A princeza, admirada, perguntou-lhes para quem trabalhavam.—Minha senhora, respondeu um, é para o principe Riquete, que casa ámanhã. A princeza cada vez mais admirada, e lembrando-se ao mesmo tempo que havia um anno justo que ella tinha promettido de casar com o principe Riquete, ficou aturdida. O que tinha feito que ella se não embrasse mais cêdo da promessa, era porque quando a tinha feito era estupida, e tomando o novo espirito que o principe lhe tinha dado, tinha esquecido todas as suas tolices. Continuando o seu passeio, encontrou o principe Riquete, com toda a magnificencia, como um principe que ia casar-se.—Vossa alteza bem vê, disse elle, que sou exacto em cumprir com a minha palavra, e não duvidarei que vem aqui pelo mesmo motivo.—Confessarei francamente a vossa alteza, disse a princeza, que ainda não resolvi, e que não julgo poder tomar uma resolução tal como vossa alteza a deseja.—Fico admiradissimo, senhora.—Bem o creio, e seguramente se vossa alteza fosse um homem grosseiro e sem juizo, eu deveria estar por esse motivo muito confusa. Uma princeza só tem uma palavra, me diria elle, e deve casar commigo, já que prometteu; mas como a pessoa a quem falo, é o homem que tem mais juizo n'este mundo, estou certa que me dará razão. Vossa alteza bem sabe que se quando eu era estupida, não podia resolver-me a casar com vossa alteza, como quer que tendo o espirito que me deu, que me faz ainda mais difficil na escolha de marido, do que era, tome agora uma resolução que então não pude tomar? Se realmente pensava em casar commigo, fez mal em me tirar da minha estupidez, e fazer-me ver melhor as cousas do que as via.—Se um homem, disse Riquete, sem espirito e grosseiro, como vossa alteza acaba de dizer, a podia arguir da sua falta de palavra, porque motivo quer a senhora que eu não faça o mesmo, em uma cousa de que depende toda a felicidade da minha vida? Porventura é justo que os que teem mais espirito soffram mais do que os outros? Vossa alteza póde porventura exigir isso, vossa alteza, que tem tanto espirito, e que tanto desejou ter?

Mas vamos ao facto. Exceptuando a minha fealdade, ha em mim alguma outra cousa que desagrade a vossa alteza? Não está contente com o meu nascimento, com o meu espirito, com o meu genio ou com os meus modos?—Certamente que estou satisfeita e amo em vossa alteza tudo o que me nomeou.—Se assim é, eu vou ser feliz, pois que vossa alteza póde fazer-me o mais bello homem.—Como é isso possivel?—Se vossa alteza me ama assás para desejar que isso assim seja: para que vossa alteza não duvide d'isto, saiba que a mesma fada, que no dia do meu nascimento me deu o *dom* de poder fazer espirituosa a pessoa que me agradasse, lhe deu tambem a vossa alteza o *dom* de poder fazer bello aquelle que amar, e ao qual tiver a bondade de fazer este favor.—Se assim é, desejo de todo o meu coração que vossa alteza seja o mais bello principe, e faço-lhe este *dom* quanto cabe em mim. Ainda bem a princeza não tinha acabado de proferir estas palavras, appareceu Riquete aos seus olhos o homem mais bello, o mais bem feito e o mais amavel que ella tinha visto em sua vida.

Alguns affirmam que não foram os encantos da fada que operaram a transformação, e que só o amor fizera esta mudança. Dizem outros que a princeza, tendo feito reflexão sobre a perseverança e constancia do seu amante, sobre a sua discrição e sobre todas as boas qualidades da sua alma e de seu espirito, não reparou mais na deformidade do seu corpo, nem para a fealdade do seu rosto; dizem tambem que os seus olhos, que eram vesgos, lhe pareceram mais brilhantes, que o seu grande nariz vermelho tinha para ella alguma cousa de heroico e de marcial, que a sua carcunda parecia simplesmente uma inclinação de corpo, e que se até alli lhe parecia que elle coxeava terrivelmente, d'alli em diante achou-lhe um certo ar inclinado que lhe agradava.

Seja o que fôr, a princeza prometteu-lhe de casar logo com elle, comtanto que obtivesse o consentimento de el-rei seu pae. O rei, tendo sabido que sua filha estimava muito Riquete, que elle sabia ser um principe muito instruido e de muito juizo, acceitou-o por seu genro com muito prazer.

As nupcias fizeram-se no dia seguinte, como Riquete o tinha previsto, e conforme as ordens que elle tinha dado muito tempo antes.

O PEQUENO POLLEGAR OU AS BOTAS DE SETE LEGUAS DO LOBISHOMEM

Era uma vez um carvoeiro e uma carvoeira que tinham sete filhos, todos rapazes; o mais velho só tinha dez annos, e o mais novo tinha sete. Era notavel que o carvoeiro tivesse tido tantos filhos em tão pouco tempo, mas é porque sua mulher por mais de uma vez os tivera aos pares. Elles eram muito pobres, e os seus sete filhos incommodavam-os muito, porque nenhum d'elles podia ainda ganhar a sua vida. O que lhes dava muito cuidado, era que o mais novo, que tinha nascido só, era muito delicado, e não dizia palavra, e elles tomaram por effeito de estupidez o que era um signal de que tinha muito espirito. Elle era mui pequeno, e quando nasceu era tão grande como o pollegar, o que lhe fez dar o nome de pequeno Pollegar.

Este pobre menino era o soffredor da casa; entretanto elle era o mais fino e o mais habil de seus irmãos, e se fallava pouco, ouvia muito. Veio um anno em que a fome foi tão grande, que esta pobre gente resolveu desfazer-se de seus filhos. Uma noite que os meninos estavam deitados, e que o carvoeiro estava ao pé do fogo com sua mulher, disse elle com o coração cortado pela dôr:—Bem vês que já não podemos nutrir nossos filhos; eu não posso vel-os morrer de fome diante dos meus olhos, e estou resolvido a leval-os amanhã ao bosque, para que se percam, o que é muito facil, porque emquanto elles se divertirem a fazer molhos de lenha, nós fugiremos sem que nos vejam.—Ah! disse a mulher, pois tu és capaz de levar teus filhos para que se percam? Por mais que seu marido lhe representava a sua grande pobreza, ella não podia consentir n'isso; era pobre, mas era mãe. Entretanto, tendo considerado que dôr não seria a de os vêr morrer de fome, consentiu, e foi-se deitar chorando. O pequeno Pollegar ouviu tudo o que elles disseram, porque tendo ouvido de sua cama que elles fallavam de negocios, tinha-se levantado devagar e mettido debaixo da mesa, para escutar sem ser visto. Foi-se tornar a deitar, e não dormiu o resto da noite, a pensar no que tinha que fazer. Levantou-se mui cêdo, foi á borda do ribeiro, onde encheu os bolsos de seixos brancos, e tornou para casa.

Partiram para o bosque, e o pequeno nada disse do que sabia a seus irmãos. Foram a uma floresta mui espessa, onde a dez passos de distancia não se viam uns aos outros. O carvoeiro pôz-se a cortar lenha, e seus filhos a apanhar matto para fazerem molhos. O pae e a mãe vendo-os occupados a trabalhar, afastaram-se d'elles insensivelmente, e depois fugiram por um atalho desviado.

Quando aquelles meninos se viram sós, pozeram-se a chorar e a gritar com toda a força. O pequeno Pollegar deixava-os gritar, sabendo muito bem por onde tornariam para casa, pois que á vinda tinha deixado caír pelo caminho os pequenos seixos brancos, que tinha nos bolsos. Então disse-lhes:—Não tenhaes medo, irmãos, o pae e a mãe deixaram-nos aqui, mas eu os guiarei, sigam-me.—Elles o seguiram, e levou-os até casa pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. Ao principio não ousaram entrar, mas puzeram-se todos ao pé da porta a escutar o que diziam o pae e a mãe.

Pouco depois que o carvoeiro e sua mulher chegaram a casa, o senhor da aldeia mandou-lhes dez escudos (4$800 réis) que lhes devia havia muito tempo, e com os quaes já não contavam. Isto deu-lhes nova vida, porque morriam de fome. O carvoeiro mandou sua mulher ao açougue. Como havia muito tempo que não tinham comido, comprou tres vezes mais carne do que era precisa para a ceia de duas pessoas. Depois de estarem fartos, a carvoeira disse:—Ai! onde estarão agora os nossos filhos? o que nos sobeja agora os regalaria bem. Mas tambem, Guilherme, tu é que os quizeste perder; eu bem te tinha dito que nos arrependeriamos.—Que farão elles agora n'aquella floresta? Ai! meu Deus, os lobos já a esta hora os têem comido! és bem cruel por teres perdido teus filhos.

O carvoeiro tinha talvez mais pena dos pequenos do que sua mulher, mas ella quebrava-lhe a cabeça com a penuria que soffriam; e elle para a não aturar havia levado os filhos ao bosque, e agora ouvia tudo sem nada lhe responder! A carvoeira debulhada em lagrimas exclamava:—Ai! onde estarão agora meus filhos? meus caros filhos?—Disse-o uma vez tão alto, que os meninos que estavam á porta, tendo-o ouvido, pozeram-se a gritar todos juntos:—

aqui!—Ella correu depressa a abrir-lhes a porta, e disse-lhes, abraçando-os:—Estou bem contente por vos tornar a ver, meus caros filhos! Estaes cansados, haveis de ter fome; e tu, Pedrinho! como estás sujo! deixa limpar-te.—Pedrinho era o mais velho, que ella amava mais que a todos os outros, por ser alguma cousa ruço, e ella tambem.

Pozeram-se á mesa, e comeram com tal appetite, que deu grande prazer aos paes, a quem contaram, fallando todos juntos, o mêdo que tinham tido na floresta. Esta boa gente estava muito contente por ter recuperado seus filhos, e esta alegria durou tanto, quanto duraram os dez escudos; mas quando o dinheiro se gastou, recairam na sua habitual tristeza, e resolveram tornal-os a perder, e para o poderem conseguir determinaram leval-os muito mais longe do que a primeira vez. Não poderam fallar d'isto com tanto segredo que não fossem ouvidos pelo pequeno Pollegar, que decidiu que se tiraria d'esta como da primeira; mas apezar de que se levantou muito cêdo para ir apanhar os seixos, não o pôde fazer, porque achou a porta da rua fechada á chave. Elle estava sem saber o que havia de fazer, quando sua mãe, tendo dado um pedaço de pão a cada um para almoçarem, pensou que poderia servir-se de pão em logar de seixos, semeiando-o em migalhas pelo caminho por onde iam passar; portanto guardou-o no bolso. O pae e mãe levaram-os ao sitio mais obscuro e mais espesso da floresta, e safaram-se, deixando lá os sete pequenos. Pollegar não teve grande susto, porque julgava que acharia o caminho com facilidade, por causa das migalhas do pão que tinha espalhado por todo o caminho; mas ficou muito admirado por não achar uma só migalha; os passaros tinham comido tudo. Eil-os ahi muito afflictos, porque cada vez mais se entranhavam na floresta, querendo d'ella sair.

Chegou a noite, e levantou-se um grande vento, que lhes causou muito susto. Parecia-lhes que ouviam de todos os lados os uivos dos lobos que vinham comel-os. Não se atreviam nem a fallar, nem a mexer com a cabeça. Veio uma grande chuva que os molhou até aos ossos; a cada passo escorregavam, caiam e se levantavam todos enlameados. O pequeno Pollegar trepou a uma arvore para ver se via alguma cousa, e voltando a cabeça para todos os lados, viu um pequeno clarão como se fosse uma luz saida de uma casa, mas muito longe, lá por detraz da floresta. Desceu da arvore, chegando ao chão não viu mais nada; isto o entristeceu. Entretanto, tendo caminhado algum tempo com seus irmãos para o lado em que tinha visto a luz, tornaram a vel-a, quando sairam do bosque.

Chegaram finalmente á casa onde estava esta luz com bastantes terrores, porque a tinham perdido de vista muitas vezes, o que lhes acontecia quando elles desciam a algum valle. Bateram á porta, e uma boa mulher veio-lh'a abrir. Perguntou-lhes o que queriam. O pequenino disse-lhe, que eram pobres meninos que se tinham perdido na floresta, e que pediam agasalho por aquella noite. Esta mulher vendo-os tão lindos, pôz-se a chorar e disse-lhes: —Ah! meus pobres meninos, onde vós viestes! Pois não sabeis que mora aqui um lobishomem que come os meninos?—Ah! senhor, respondeu o pequenino, que tremia tanto como todos seus irmãos, que havemos nós de fazer? E' certo que os lobos da floresta nos comerão esta noite, se não nos recolheis, e então antes eu quero que seja o dono da casa que nos coma; talvez que elle tenha compaixão de nós, se a senhora lh'o pedir.

A mulher do lobishomem, que pensou que os poderia esconder de seu marido até o dia seguinte, deixou-os entrar, e levou-os ao pé de uma fogueira, junto da qual estava um carneiro inteiro no espêto, para a ceia do lobishomem. Quando elles principiavam a aquecer-se, ouviram bater á porta tres ou quatro pancadas fortes; era o lobishomem que voltava. A pobre mulher escondeu-os logo debaixo da cama, e foi abrir a porta.

O lobishomem perguntou se a ceia estava prompta, e se tinha ido buscar vinho, e depois pôz-se á mesa. O carneiro ainda estava escorrendo sangue, mas assim ainda lhe pareceu melhor.

Elle cheirava de todos os lados, dizendo que sentia carne fresca.—Mulher, torno-te a dizer que cheira aqui a carne fresca, aqui ha alguma cousa que eu não entendo. Dizendo estas palavras, levantou-se da mesa e foi direito á cama onde estavam os pequenos.—Ah! querias enganar-me assim, maldita mulher! não sei o que me impede de te comer tambem; felizmente que és animal velho. Justamente vem muito a proposito para banquetear tres lobishomens meus amigos, que hão de vir visitar-me por estes dias.

Tirou-os debaixo da cama um depois do outro. Estes pobres meninos pozeram-se de joelhos, pedindo-lhe perdão; mas o tal lobishomem era mui cruel, e em logar de ter compaixão d'elles, já os comia com os olhos e dizia á mulher que haviam de ser bem bons bocados,

quando ella lhes tivesse feito um bom molho. Foi buscar uma faca grande e pôz-se a afial-a em uma pedra. Já elle tinha agarrado um, quando sua mulher lhe disse:—Que queres tu fazer a esta hora? terás muito tempo amanhã.—Cala-te, isso os tornará mais duros.—Mas tu ainda tens tanta carne; uma vitella, dois carneiros e metade d'um porco.—Tens razão; dá-lhes bem de ceiar, para que elles não emmagreçam e vae deital-os. A boa mulher ficou muito contente, e deu-lhes muito de ceiar, mas elles não poderam comer, tanto era o medo que tinham. O lobishomem pôz-se a beber muito satisfeito de ter com que regalar bem os seus amigos. Bebeu umaduzia de copos de vinho mais que de costume, o que lhe subiu um pouco á cabeça e o obrigou a ir deitar-se.

O lobishomem tinha sete filhas, que eram todas ainda novas. Estas pequenas tinham todas boa côr, porque comiam carne fresca como seu pae, mas tinham olhos pardos, pequenos e redondos, nariz de papagaio e a bocca muito grande, com dentes muito agudos, compridos, e afastados uns dos outros. Ainda não eram muito más, porém promettiam já muito, pois que mordiam nos meninos para lhes chupar o sangue. Estavam já deitadas todas em uma cama grande, tendo cada uma uma corôa de ouro na cabeça. Havia no mesmo quarto uma cama da mesma grandeza; e foi n'esta que a mulher do lobishomem pôz os pequenos; e depois foi-se deitar com seu marido.

O pequeno Pollegar, que tinha reparado que as filhas do lobishomem tinham corôas de ouro na cabeça, e que receiava que o bobishomem tivesse de noite algum remorso de os não ter matado já, levantou-se d'ali a pouco, e pegando nos barretes de seus irmãos e no seu, foi muito devagar pôl-os na cabeça das sete filhas do lobishomem, depois de lhes ter tirado as corôas de ouro, que pôz na cabeça de seus irmãos e na sua, para que o lobishomem pensasse que elles eram suas filhas, e tomasse suas filhas pelos rapazes que queria matar.

A cousa teve logar como elle o tinha pensado, pois que o lobishomem tendo acordado á meia noite, teve pena de ter deferido para o dia seguinte o que podia fazer na vespera. Levantou-se portanto da cama e pegando na faca grande, disse:—Vamos a ver como estão os nossos ratões. Subiu ás apalpapellas ao quarto de suas filhas, e chegou-se á cama onde estavam os rapazes, que dormiam todos, á excepção do pequeno Pollegar, que teve bastante medo quando sentiu a mão do lobishomem que lhe apalpava a cabeça, como tinha apalpado todas as outras.

O lobishomem que sentiu as corôas de ouro disse:—Eu ia fazel-a bonita; já vejo que fiz alguma cousa de mais hontem á noite. Foi depois á cama de suas filhas, e tendo apalpado os barretes, disse:—Ah! ah! cá estão os meiros; trabalhemos. Dizendo estas palavras cortou a cabeça ás filhas, sem deixar nenhuma com vida. Muito contente com esta expedição, foi-se deitar com sua mulher.

Logo que o pequeno Pollegar ouviu roncar o lobishomem, acordou seus irmãos e disse-lhes que se vestissem depressa, e que o seguissem. Desceram devagar ao jardim, e saltaram por cima do muro. Correram quasi toda a noite, sempre a tremer, e sem saberem onde iam. O lobishomem, quando acordou disse a sua mulher:—Vae vestir os bonecos de hontem á noite.—Esta ficou muito admirada da bondade de seu marido; subiu ao quarto, e ainda mais admirada ficou, quando viu as sete filhas com a cabeça cortada, e nadando em sangue. Principiou por desmaiar (primeiro expediente que todas as mulheres acham em similhante caso.) O lobishomem subiu tambem, e ficou tão espantado como sua mulher, quando viu tal espectaculo.—Ah! que fiz? exclamou elle. Oh! elles m'o pagarão, e já. Deitou agua na cara de sua mulher, e quando ella tornou a si, disse:—Dá-me depressa as minhas botas de sete leguas, para mais depressa os apanhar.

Partiu, e tendo corrido por todos os lados, entrou finalmente no caminho por onde iam os pobres pequenos, que estavam só a cem passos da casa de seu pae. Viram o lobishomem, que ia de mantanha em montanha, e que atravessava rios, e com tanta facilidade, como se fossem regatos.

O pequeno Pollegar que viu uma caverna ao pé do logar onde elles estavam, escondeu n'ella seus irmãos e escondeu-se tambem, olhando sempre para vêr o que o lobishomem fazia. Este que estava muito cansado do caminho que tinha feito inutilmente (porque as botas de sete leguas fazem cansar muito), quiz descançar, e por acaso foi sentar-se sobre o rochedo onde estavam escondidos os pequenitos. Como estava cansadissimo, adormeceu e pôz-se a roncar tanto, que os meninos tiveram quasi tanto medo como quando elle ia para os matar na vespera.

O pequeno Pollegar foi o que teve menos medo, e disse a seus irmãos que fugissem depressa para casa emquanto o lobishomem dormia, e que o deixassem a elle. Os pequenos então correram para casa.

O pequeno Pollegar chegou-se ao lobishomem, tirou-lhe as botas devagar e calçou-as

[illegible]. As botas eram muito grandes e muito largas, mas como ellas eram fadas, tinham o dom de se fazerem maiores ou mais pequenas, conforme a perna d'aquelle que as calçava, de sorte que se achavam tão justas ás suas pernas, como se tivessem sido feitas para elle.

O pequeno Pollegar, sem querer saber de mais nada, deixou o lobishomem a roncar sobre o rochedo, e foi direito á côrte, onde se não sabiam noticias de um exercito que estava duzentas leguas distante, nem do resultado de uma grande batalha que se tinha dado. Dizem que fôra ter com o rei, e que lhe dissera, que, se elle queria, lhe traria noticias do exercito antes do pôr do sol. O rei prometteu-lhe uma grande somma se elle o fizesse. O pequeno Pollegar trouxe noticias no mesmo dia, e esta primeira viagem tendo-o feito conhecer, fez, que ganhasse quanto queria; porque el-rei lhe pagava bem para levar as suas ordens ao exercito, e muitas senhoras davam-lhe o que elle queria para terem noticias dos seus amantes; e esse foi o seu maior lucro.

Havia algumas damas que o encarregavam de cartas para seus maridos; mas estas pagavam tão pouco, que elle nem mettia isso em linha de conta, isto é, não lançava em receita o que ganhava por isso.

Depois de ter feito por algum tempo o officio de correio, e ter ganhado muito dinheiro, tornou para casa de seu pae, onde não é possivel imaginar a alegria que todos tiveram de o tornar a vêr.—Fez toda a sua familia abastada, e comprou empregos para seu pae e seus irmãos; e d'esta maneira os estabeleceu a todos, e ao mesmo tempo se comportou perfeitamente com elles.

A PRINCEZA FINA OU AS ROCAS DE VIDRO

No tempo das primeiras cruzadas, um rei de não sei que reino da Europa resolveu ir fazer a guerra aos infieis na Palestina. Antes de emprehender uma viagem tão longa, pôz n'uma tão boa ordem os negocios do seu reino, e confiou a regencia a um ministro tão habil, que por aquelle lado ficou descansado.

O que mais inquietava o principe era o cuidado da sua familia. Elle tinha perdido a rainha havia pouco tempo, e não tinha filhos varões, mas era pae de tres jovens princezas em idade de casarem. A minha chronica não me diz os seus verdadeiros nomes; só sei que, como n'aquelles felizes tempos, a simplicidade dos povos dava, sem ceremonia, sobrenomes ás pessoas eminentes, conforme as suas boas qualidades, ou seus defeitos; a mais velha tinha o appellido de *Preguiçosa*; a segunda, de *Falladora*; e a terceira, de *Fina*; nomes que tinham todos uma justa relação com os seus caracteres.

Preguiçosa acordava todos os dias á uma hora da tarde; conduziam-a á igreja quasi de rastos, quando saia da cama, mal penteada, sem cintura, e muitas vezes uma chinella de uma qualidade e a outra de outra. Esta differença era corrigida durante o dia, mas ninguem podia resolver a princeza a deixar as chinellas, porque achava que se cansava muito quando calçava sapatos. Depois do jantar, Preguiçosa ia-se vestir até á noite; empregava o resto do seu tempo até á meia noite a jogar e a ceiar, depois levava-se quasi tanto tempo a despil-a, como para a vestir; ordinariamente deitava-se depois de nascer o sol.

Falladora passava a vida de outra maneira; esta princeza era mui viva e empregava pouco tempo com a sua pessoa, mas tinha uma vontade de fallar tamanha, que desde que accordava até adormecer não fechava a bôca. Sabia a historia das disputas de casados, os namoros, e as galanterias, não só de toda a côrte, mas mesmo de outra muita gente. Tinha nota de todas as mulheres que roubavam seus maridos para se vestirem melhor, e estava informada de quanto ganhava ao justo a creada da condessa de tal e o mordomo do marquez de tal. Para estar instruida de tudo isto, dava mais attenção á sua ama e á sua costureira, do que daria a um embaixador e depois ia contar todas estas historias a toda a gente, desde o rei seu pae até o ultimo creado; pois contanto que ella fallase, não lhe importava a quem. A vontade de fallar produzia n'ella ainda outro mau effeito. Apezar da sua grande qualidade, as suas maneiras demasiado familiares deram a ousadia aos bellos mancebos da côrte de lhe dizerem cousas amaveis. Ella os escutava sem ceremonia só para ter o prazer de lhe responder; pois que, custasse o que custasse, desde pela manhã até á noite, ou devia escutar, ou taramelar. Esta princeza, assim como Preguiçosa, nunca se occupava em pensar, em fazer nenhuma reflexão, nem em lêr; embaraçava-se tão pouco, como ella, dos cuidados domesticos e dos prazeres que produzem a rôca e a agulha. Finalmente, estas duas irmãs, n'uma eterna ociosidade, nunca faziam obrar o espirito, nem as mãos em trabalhos proprios de meninas.

A irmã mais nova d'estas princezas era de

um caracter mui differente. Trabalhava constantemente physica e moralmente; tinha muita vivacidade, e applicava-se a fazer um bom uso d'ella. Sabia perfeitamente dançar, cantar e tocar instrumentos; era mui habil em todos os pequenos trabalhos de mão que divertem ordinariamente as meninas; punha ordem e regra na casa do rei; e pelos seus cuidados impedia as rapinas dos empregados; pois que já n'aquelle tempo elles roubavam os principes.

Os seus talentos não eram só esses, ella tinha muito juizo, e uma presença de espirito tão maravilhosa, que achava com rapidez meios para desembrulhar toda a sorte de negocios. Esta joven princeza tinha descoberto, pela sua penetração, um laço perigoso que um embaixador de má fé tinha armado a el-rei seu pae, n'um tratado que este principe ia para assignar. Para castigar a perfidia do embaixador e do rei seu amo, o pae da princeza mudou o artigo do tratado; e pondo-o de maneira que sua filha lhe indicou, enganou o mesmo enganador. Esta princeza descobriu tambem uma velhacada, que um ministro queria fazer ao rei, e pelo conselho que ella deu a seu pae fez recair e infidelidade d'este homem sobre elle mesmo. Ella deu em muitas outras occasiões provas da sua penetração e da sua finura de espirito; e deu tantas, tantas, que o povo deu-lhe o nome de Fina. O rei amava-a muito mais que ás outras duas, e fazia tanto caso do seu bom senso, que se elle não tivesse mais que esta filha, teria partido sem inquietação; mas elle receiava tanto da conducta das outras duas, como repousava sobre a da terceira. Assim, para estar seguro de sua familia, como se julgava seguro dos seus subditos, tomou as medidas que vou dizer.

Este rei, que era amigo intimo de uma fada, foi ter com ella, e representou-lhe a inquietação em que estava relativamente a suas filhas. «Não, disse o principe, porque as mais velhas que me causam esta inquietação, tenham jámais feito a minima cousa contra o seu dever; mas teem tão pouco espirito, são tão imprudentes, e vivem n'uma tão grande ociosidade, que receio durante a minha ausencia, não se vão metter n'alguma louca intriga, para terem com que se divirtam. Emquanto a Fina estou certo da sua virtude; entretanto hei de tratal-a como as outras, para que tudo seja igual. Eis o motivo, sábia fada, porque lhe rogo que me faça tres rócas de vidro para minhas filhas, que sejam feitas com tanta arte, que cada róca não deixe de se quebrar logo que aquella a quem pertencer fizer alguma cousa contra a sua gloria.»

Como esta fada era mui habil, deu a seu principe tres rócas encantadas, e preparadas com todos os cuidados necessarios para a intenção que elle tinha. Mas não contente com esta precaução, levou as princezas a uma torre mui alta, que estava edificada n'um logar muito deserto. O rei disse a suas filhas, que lhes ordenava de ficarem n'aquella torre todo o tempo da sua ausencia, e que lhes prohibia de receberem lá fosse quem fosse. Tirou-lhes todos os seus officiaes de ambos os sexos, e dando-lhes as rócas, cujas qualidades lhes explicou, abraçou as princezas, fechou as portas da torre, levou as chaves, e partiu.

Tinha feito pôr uma roldana n'uma das janellas da torre, onde se tinha posto uma corda, em que estava pendurado um cesto que todos os dias se enchia de viveres.

Preguiçosa e Falladora passaram n'esta solidão uma vida mui triste, que as desesperava; mas iam soffrendo, porque receiavam que a róca se quebrasse, ao minimo passo equivoco que dessem.

Emquanto a Fina, ella passava bem o seu tempo; o fuso, a agulha; e os instrumentos de musica forneciam-lhe sufficientes divertimentos: e além d'isto, por ordem do ministro regente, punham-se no cesto dos viveres das princezas cartas que ás informavam de tudo o que se passava dentro e fóra do reino; o rei assim o tinha permittido, e o ministro, para agradar ás princezas, não deixava de ser exacto sobre este artigo. Fina lia todas estas noticias, e divertia-se; mas as duas irmãs nem mesmo se dignavam tomar n'ellas a minima parte; diziam que a tristeza que sentiam lhes tirava a vontade de se divertirem com tão pouca cousa.

Portanto passavam tristemente a vida murmurando contra a sua fatalidade, e julgo que ellas disseram muitas vezes: «*Vale mais nascer feliz, do que ser filho de rei*». Ellas estavam quasi sempre ás janellas da torre, para verem, ao menos, o que se passava no campo. Um dia que Fina estava occupada no seu quarto, suas irmãs, que estavam á janella, viram ao pé da torre uma pobre mulher coberta de trapos, que lhes mostrava a sua miseria mui patheticamente, e lhes pedia com as mãos postas que a deixassem entrar no castello, representando-lhes que era uma infeliz estrangeira, que sabia muitas curiosidades, e que as serviria com a mais exacta fidelidade. As princezas ao principio lembraram-se da ordem de seu pae, de não deixarem entrar ninguem na torre, mas Preguiçosa estava tão cansada de não ter quem a servisse, Falladora tão zangada de não ter com

quem fallar, que se resolveram a deixa entrar a estrangeira.

—Pensas tu, dizia Falladora a sua irmã, que a prohibição do rei deve comprehender a gente como aquella desgraçada? Penso que podemos recebel-a, sem que d'isso nos venha mal algum.

—Faze o que quizeres, respondeu Preguiçosa. Falladora que só esperava este consentimento, desceu logo o cesto: a pobre mulher metteu-se dentro, e as princezas subiram-a, servindo-se da roldana.

Quando esta mulher entrou no castello, a porcaria dos seus trapos causou nojo ás princezas; quizeram-lhe dar outros vestidos; mas ella disse-lhes que mudaria de vestidos, no dia seguinte, e que ia cuidar em servil-as. Quando ella acabava de fallar, entrou Fina, que ficou muito admirada de ver esta desconhecida com suas irmãs, que lhe disseram porque motivo a tinham feito subir; e Fina, que viu que o mal estava feito, dissimulou o desgosto que teve d'esta imprudencia.

No entretanto a nova criada das princezas correu todo o castello, sob pretexto do seu serviço, mas com effeito para observar a disposição do interior.

Para não ficarmos muito tempo indecisos, devo dizer que esta creatura coberta de trapos era o filho de um rei visinho e poderoso. Este joven principe, que era o espirito mais artificioso do seu tempo, governava inteiramente o rei seu pae, e não tinha precisão de muita esperteza para isso; porque este rei era de um caracter tão fraco e tão facil, que o tinham appellidado *Benigno*. Os povos tinham dado ao principe o nome de *Rico Cautela*, como se quizessem dizer — tende *cautela com o rico*.

Elle tinha um irmão mais novo que tinha tantas prendas como seu irmão tinha defeitos; comtudo, apezar da differença dos genios havia entre estes irmãos uma união tão perfeita, que toda a gente estava admirada. Além das boas qualidades moraes que tinha o principe mais novo, a belleza do seu rosto e a graça de sua pessoa eram tão notaveis, que lhe tinham feito dar o nome de *Bello-a-ver*. Era o principe Rico Cautela que tinha inspirado ao embaixador do rei, seu pae, o laço que a habilidade de Fina tinha feito cair sobre elles. Rico Cautela, que não amava o rei, pae das princezas, lhe tomou então ainda maior aversão; assim, quando elle soube as precauções que este principe tinha tomado a respeito de suas filhas, imaginou logo enganar a sua prudencia. Rico Cautela obteve a permissão do rei seu pae para ir fazer uma viagem, sob pretextos que elle inventou, e tomou medidas para entrar no castello das princezas, o que fez, como vimos.

Examinado o castello, elle reparou que era facil ás princezas fazerem-se ouvir pelos viandantes, e concluiu que devia ficar disfarçado até o dia seguinte pois que ellas poderiam muito bem chamar gente e fazer castigar o seu atrevimento. Conservou portanto todo o dia os vestidos de mendicante, e á noite, depois da ceia, Rico Cautela tirou os trapos que o cobriam e appareceu vestido de cavalleiro, coberto de ouro e diamantes. As pobres princezas ficaram tão admiradas, que fugiram com toda a precipitação. Fina e Falladora, que eram ligeiras, depressa chegaram aos seus quartos; mas Preguiçosa, que andava com difficuldade, foi apanhada pelo principe n'um instante.

Elle lançou-se-lhe aos pés, declarou-lhe quem era, e disse-lhe que a reputação da sua belleza e os seus retratos o tinham feito deixar uma côrte deliciosa para vir offerecer-lhe os seus affectos e a sua fé. Preguiçosa ficou ao principio tão perturbada, que não póde responder ao principe que estava sempre de joelhos; mas como elle, dizendo-lhe mil doçuras e fazendo-lhe mil protestações, lhe supplicava com ardor que o recebesse por esposo no mesmo momento, e como a sua molleza natural não lhe deixava a força de resistir, disse simplesmente a Rico Cautela que o julgava sincero e que aceitava a sua fé. Não observou mais formalidades na conclusão do seu casamento; mas tambem perdeu a sua róca, que se quebrou em mil bocados.

Ao mesmo tempo Fina e Falladora estavam muito inquietas; ellas tinham fugido, como vimos, cada uma para o seu quarto, e tinham-se fechado por dentro. Como cada uma d'estas princezas ignorava a sorte da outra, passaram a noite sem poder dormir. No dia seguinte o pernicioso principe levou Preguiçosa para o andar inferior que estava ao pé do jardim; e lá esta princeza testimunhou a Rico Cautela a inquietação em que estava por causa de suas irmãs, apezar de não ousar apparecer-lhes, receiando que arguissem do seu casamento um pouco precipitado. O principe disse-lhe que se encarregava de o fazer approvar por ellas; e depois de alguns discursos saíu, e fechou Preguiçosa á chave sem que ella reparasse. Depois pôz-se a procurar ás princezas. Esteve algum tempo sem poder achar os seus quartos, mas, finalmente, a vontade que Falladora tinha de fallar sempre, foi causa de que esta princeza fallasse só, queixando-se, e o principe ouvindo-a, chegou-se á porta do quarto, e viu-a pelo buraco da fechadura.

Rico Cautella fallou-lhe atravez da porta, e disse-lhe o que tinha dito a sua irmã, que era para lhe offerecer o seu coração e a sua fé que elle tinha vindo á torre. Louvou com exageração o seu espirito e a sua belleza, como é costume nos que querem enganar; e Falladora, que estava muito persuadida que possuia um grande merecimento, teve a loucura de crer o que o principe lhe dizia; portanto respondeu-lhe uma chusma de palavras assás affaveis: só uma grande vontade de fallar daria e esta princeza forças para o fazer n'este momento, porque estava mui abatida e não tinha ainda comido cousa alguma, pela razão mui simples de que não tinha nada que comer no seu quarto. Como ella só cuidava em fallar, nunca tinha a minima previdencia; quando precisava de alguma cousa, ia pedil-a a Fina; e esta amavel princeza, que tinha tanto de laboriosa e previdente como suas irmãs de indolentes e preguiçosas, tinha sempre no seu quarto alguma cousa e mesmo marmelada e doces feitos por ella mesma. Falladora, pois, apertada pela fome e pelas ternas protestações que lhe fazia o principe, abriu finalmente a porta a este seductor, que continuou perfeitamente o seu papel de comediante, papel que elle tinha muito bem estudado.

Depois saíram ambos do quarto, e foram á dispensa, onde acharam toda a sorte de refrescos. Falladora estava inquieta por causa de suas irmãs, mas subitamente lembrou-se que estariam ambas no quarto de Fina, onde nada lhes faltaria. Rico Cautella fez todos os esforços para a confirmar n'esta ideia e disse-lhe que iriam á noite ter com as princezas, mas esta não foi a opinião d'ella, pois que respondeu que deviam ir ter com ellas depois de comerem.

Finalmente o principe e a princeza comeram ambos com muita boa vontade; e tendo acabado, Rico Cautella pediu para ver o quarto rico do castello; deu a mão á princeza, que o conduziu lá; e, tendo entrado, o principe principiou de novo a exagerar o amor que lhe tinha, e as vantagens que ella obteria casando com elle. Disse-lhe, como o havia dito a Preguiçosa, que devia acceitar a sua fé no mesmo momento, porque se ia ter com suas irmãs antes de ter casado com elle, ellas se opporiam, pois que, sendo sem contradicção o mais poderoso principe visinho, parecia um melhor partido para a mais velha do que para ella: e que assim esta princeza nunca consentiria n'uma união que desejava com todo o ardor. Falladora, depois de bastantes discursos que não significavam nada, teve tão pouco juizo e foi tão extravagante como o tinha sido sua irmã; acceitou o principe por esposo e só se lembrou da sua róca de vidro quando a viu quebrada em mil pedaços.

Perto da noite, Falladora tornou para o seu quarto com o principe; e a primeira cousa que ella viu, foi a sua róca de vidro em pedaços. Turbou-se a este espectaculo e o principe perguntou-lhe a causa da sua turbação. Como a vontade de fallar lhe fazia dizer tudo, ella disse loucamente a Rico Cautella o mysterio das rócas, e este principe ficou contentissimo por vêr que o pae das princezas seria plenamente convencido da conducta de suas filhas.

Já Falladora não tinha vontade de ir ter com suas irmãs, porque temia, e com razão, que não approvassem o seu comportamento; mas o principe offereceu-se a ir ter com ellas, e disse que lhe não faltariam meios para as persuadir que o approvassem. Então a princeza, que tinha muito somno, porque não tinha dormido na noite precedente, adormeceu; e emquanto ella dormia, Rico Cautela fechou-a á chave.

Este principe perfido, tendo fechado Falladora, foi correr todos os quartos do castello, uns depois dos outros, e como os achou todos abertos, concluiu que um que viu fechado por dentro, era seguramente o de Fina. Como tinha composto uma circular, póz-se a dizer á porta de Fina o mesmo que tinha dito a suas irmãs. Mas esta princeza, mais esperta que as outras, escutou-o muito tempo sem responder. Finalmente vendo que elle sabia que ella estava n'este quarto, disse-lhe que, se era verdade que elle a amava tanto como elle a queria persuadir, lhe pedia que fosse ao jardim, e que ella lhe fallaria quanto elle quizesse, pela janella do seu quarto, que dava sobre o jardim.

Rico cautella não quiz acceitar esta condição e como a princeza se obstinava sempre a não querer abrir, este mau principe, impacientado, foi buscar uma tranca e arrombou a porta. Achou Fina armada com um grande martello, que por acaso tinha ficado n'um guarda-roupa, que estava ao pé do seu quarto. A cólera animava as faces d'esta princeza e apezar de que os seus olhos lançavam fogo, ella pareceu a Rico Cautella de uma grande belleza. Quiz lançar-se-lhe aos pés, mas ella disse-lhe com altivez, e recuando:

—Principe, se se chega para mim, quebro-lhe a cabeça com este martello.

—Pois quel bella princeza, o amor que lhe tenho attrahe-me um odio tão cruel!

Póz-se então a exprimir-lhe de novo, (mas de longe) o ardor violento que lhe tinha inspirado a reputação da sua belleza e do seu maravilhoso espirito. Accrescentou que só se tinha

[illegible] para vir offerecer-lhe com respeito o seu coração e a sua mão e disse que ella devia perdoar á violencia da sua paixão a ousadia que tinha tido de arrombar a porta. Acabou querendo-lhe persuadir, como o tinha feito a suas irmãs, que era do seu interesse casar com ella o mais depressa possivel. Disse tambem a Fina que não sabia para onde se tinham retirado suas irmãs, pois que as não tinha procurado, cuidando só n'ella. A princeza, fingindo enaciar-se, disse que fosse procurar suas irmãs e depois tomariam juntas as medidas convenientes. Mas Rico Cautela respondeu-lhe que não podia resolver-se a ir ter com as princezas antes que ella consentisse em casar com elle, porque suas irmãs se opporiam, por serem mais velhas.

Fina, que desconfiava, com razão, d'este perfido principe, sentiu redobrar as suas suspeitas por esta resposta; tremeu do que podia ter acontecido a suas irmãs, e decidiu o vingal-as, ao mesmo tempo que evitaria uma desgraça semelhante á que julgava que lhes tinha acontecido. Esta joven princeza disse portanto a Rico Cautela que consentia em casar com elle, mas que estava persuadida que os casamentos que se faziam á noite, eram sempre desgraçados e assim pedia-lhe que deixasse para o dia seguinte a ceremonia de se darem uma fé reciproca; accrescentou que lhe promettia que não advertiria de nada as princezas e disse-lhe que lhe pedia que a deixasse algum tempo só para pensar em Deus, e que depois o levaria para um quarto em que acharia uma optima cama, e que ella tornaria a fechar-se no seu.

Rico Cautela, que não era muito animoso, e que via constantemente Fina armada com o grande martello, com o qual brincava como se fosse um leque, consentiu no que a princeza desejava, e retirou-se para a deixar meditar algum tempo. Tão depressa elle saiu, logo Fina foi fazer uma cama sobre o buraco de uma latrina que havia n'um quarto do castello. Este quarto era tão asseiado como os outros, mas deitavam-se por aquelle buraco, que era muito grande, todas as porcarias do castello. Fina poz em cima do buraco dois paus atravessados, que eram mui fracos, depois fez muito depressa uma cama por cima, e tornou para o seu quarto. Alguns minutos depois entrou Rico Cautella e a princeza conduziu-o aonde ella tinha feito a cama e retirou-se. O principe, sem se despir, deitou-se na cama com precipitação; e o seu peso, tendo feito quebrar os paus encruzados, caiu no fundo da latrina, sem se poder agarrar a cousa nenhuma e recebendo contusões por todos os lados. A queda do principe fez grande bulha no cano; e como elle não estava longe do quarto de Fina, soube ella logo que o seu artificio tinha tido o successo que ella esperava, e teve uma secreta alegria, que lhe foi muito agradavel, pois Rico Cautela merecia aquelle castigo e a princeza tinha razão de estar contente em lh'o haver dado.

Mas a sua satisfação não a occupava tanto que se não lembrasse de suas irmãs. O seu primeiro cuidado foi ir buscal-as. Bem facil lhe foi achar Falladora. Rico Cautela tinha deixado a chave na porta. Fina entrou depressa, e o ruido que fez accordou Falladora, que ficou muito confusa quando viu entrar sua irmã. Fina contou-lhe de que modo se tinha desfeito do velhaco principe, o qual tinha vindo ultrajal-as; Falladora ficou como assombrada de um raio, porque havia crido tudo quanto Rico Cautela lhe tinha dito. Esta princeza, dissimulando o excesso da sua dôr, saiu do quarto para ir com Fina procurar Preguiçosa.

Correram todos os quartos do castello sem a acharem: finalmente lembrou-se Fina que ella talvez estivesse no andar de baixo, no quarto do jardim; e com effeito lá a acharam, quasi morta de desesperação e de fraqueza, porque não tinha comido nada em todo o dia. As princezas deram-lhe os soccorros necessarios e disseram o que lhes tinha acontecido, o que causou a Preguiçosa e a Falladora uma dor mortal; depois foram dormir todas tres.

No entretanto Rico Cautela passou a noite muito mal e quando nasceu o sol ainda não estava melhor. A' força de se atormentar, achou a saída da latrina, que dava para um rio algum tanto longe do castello. Achou meio de se fazer ouvir por alguns pescadores, pelos quaes foi tirado n'um estado que causou compaixão áquella boa gente.

Fez-se transportar á côrte do rei, seu pae, para se tratar á sua vontade, e a desgraça que lhe tinha acontecido fez-lhe ter um tal odio a Fina, que cuidou mais em se vingar, do que em se curar.

Esta princeza passava momentos de grande tristeza; a gloria era-lhe mil vezes mais cara do que a vida; e a vergonhosa fraqueza de suas irmãs causava-lhe uma desesperação que não havia nada que a mitigasse. No entretanto a má saude d'estas princezas, causada pelas consequencias dos seus indignos casamentos, fez diminuir o animo de Fina. Rico Cautela, que já era um habil velhaco, veio a ser depois da sua aventura, velhaquissimo. Nem a latrina, nem as contusões lhe causavam tanta pena como a

raiva de ter achado alguem mais fino que elle. Elle presumiu quaes seriam as consequencias dos dois casamentos; e para tentar as duas princezas doentes, mandou pôr debaixo das janellas do castello grandes caixões cheios de arvores carregadas de bellissimos fructos. Preguiçosa e Falladora, que estavam muitas vezes á janella, viram estes fructos, e tiveram logo uma grande vontade de os comer, e perseguiram Fina para que descesse no cesto para lh'os ir buscar; a complacencia d'esta princeza era muito grande, pois que desceu, e trouxe aquelles bellos fructos, que ellas comeram com grande avidez.

No dia seguinte, appareceram fructos de nova especie: nova vontade das princezas; nova complacencia de Fina; mas os espiões de Rico Cautela, que estavam escondidos, e que tinham deixado escapar a sua prêsa da primeira vez, não a deixaram escapar da segunda, agarraram em Fina, e levaram-a á vista de suas irmãs que arrancavam os cabellos de desesperação.

Os satellites de Rico Cautela tão bem trabalharam, que levaram Fina para uma casa de campo, onde estava o principe para acabar de se restabelecer. Como estava cheio de furor contra esta princeza, disse-lhe mil brutalidades, ás quaes ella respondeu com uma firmeza e uma grandeza de alma, dignas de uma heroina como ella era. Finalmente, depois de a ter guardado prisioneira alguns dias, mandou-a levar para o cume de uma montanha extremamente elevada, e poucos minutos depois chegou mesmo ao pé d'ella. Então disse-lhe, que ella ia morrer de uma maneira que o vingaria da peça que lhe tinha pregado: mostrou-lhe uma pipa toda cheia por dentro de navalhas e de pregos, e disse-lhe que para a castigar, como ella o merecia, ia mandal-a metter n'aquella pipa, e fazel-a rolar do alto da montanha. Posto que Fina não fosse romana, o supplicio que se lhe preparava causou-lhe tanto abalo como tinha causado a Régulo. Ella conservou toda a sua firmeza e mesmo toda a sua presença de espirito. Rico Cautela, em logar de admirar o seu caracter heroico, encolerisou-se ainda mais, e cuidou em apressar a morte da princeza. Com esta ideia, abaixou-se para a bôcca da pipa, que devia ser o instrumento da sua vingança, para examinar se estava bem cheia de pregos, etc. Fina, que viu o seu perseguidor a olhar com tanta attenção, não perdeu tempo, empurrou-o para dentro da pipa, e fel-a rolar do alto da montanha, sem dar tempo ao principe de se acautelar. Depois fugiu; e os officiaes do principe, que tinham visto com grande dôr a maneira cruel com que seu amo queria tratar esta amavel princeza, deixaram-a fugir sem correr atraz d'ella. E demais, elles estavam tão assustados do que tinham visto, que só cuidaram em fazer parar a pipa, que rolava com violencia; mas os seus cuidados foram inuteis; rolou até ás fraldas da montanha, e então tiraram o principe de dentro, coberto de mil feridas.

O accidente de Rico Cautela desesperou o rei Benigno e o principe Bello-a-ver. Pelo que respeita ao povo, este não teve pena nenhuma. O principe era muito aborrecido, e mesmo toda a gente se admirava como o principe mais novo, que tinha sentimentos tão nobres e tão generosos, podia amar tanto seu indigno irmão. Mas tal era a indole de Bello-a-ver, que amava muito toda a sua familia; e Rico Cautela tinha sempre tido a habilidade de lhe testimunhar tanta amizade, que este generoso principe lhe correspondia com muita vivacidade. Bello-a-ver sentiu, portanto, uma violenta dôr, ao ver as feridas do irmão, e pôz tudo em prática para o curar depressa. Comtudo, apezar do cuidado que todos tiveram com elle, nada curava Rico Cautela, pelo contrario, as suas feridas pareciam envenenar-se cada vez mais.

Fina, tendo escapado aos grandes perigos que tinha corrido, chegou felizmente ao castello em que tinha deixado suas irmãs, e não tardou muito que ella tivesse novos desgostos. As duas princezas tiveram cada uma um filho, e Fina ficou com este acontecimento muito confusa. Comtudo, o animo d'esta princeza não fraqueou; o desejo que tinha de occultar a vergonha de suas irmãs, a fez resolver a expôr-se ainda uma vez, apezar de ser bem perigoso. Disfarçou-se em homem; metteu seus sobrinhos em duas caixas, em que fez buraquinhos defronte da bôca, para que elles podêssem respirar, e montou a cavallo, levando estas caixas e algumas outras; e chegou assim á capital do rei Benigno, onde estava Rico Cautela.

Quando Fina chegou, soube que a liberalidade com que o principe Bello-a-ver recompensava os remedios que se davam a seu irmão tinha attrahido a esta côrte todos os charlatães da Europa; porque já n'aquelle tempo haviam muitos aventureiros sem emprego e sem talento, que se inculcavam como homens admiraveis, que tinham recebido dom do céo para curar toda a sorte de males e de doenças. Esta gente, cuja unica sciencia era enganar atrevidamente, achava sempre um grande credito entre o povo. Esta casta de medicos nunca fizeram nos logares de seu nascimento, e a circumstan-

lia de virem de longe as mais das vezes lhes serve de merito entre o vulgo.

A enganhosa princeza, bem informada de tudo isto tomou um nome estrangeiro áquelle reino, este nome era *Sanacio*; depois fez apregoar por toda a parte que tinha chegado o cavalheiro Sanacio com segredos maravilhosos para curar toda a casta de feridas perigosas e envenenadas. Bello-a-ver mandou logo buscar o cavalheiro supposto. Fina veio, fingiu de medico empirico optimamente, disse cinco ou seis palavras da arte com tom de basofia, e emfim não lhe faltou nada. Esta princeza ficou surprehendida da boa figura e das maneiras agradaveis de Bello-a-ver, e depois de ter conversado algum tempo com este principe a respeito das feridas de Rico-Cautela, disse que ia buscar uma garrafa de agua incomparavel, e que no entretanto deixava alli duas caixas que elle tinha trazido, que continham unguentos excellentes, proprios para o principe ferido.

O supposto medico saiu, e não voltou mais; já o principe se impacientava de o ver tardar tanto, quando se ouviram gritos de creanças no quarto de Rico-Cautela. Isto fez admirar toda a gente; porque ninguem via nenhuma creança. Prestou-se attenção, e descobriu-se que estes gritos saiam das caixas do empirico.

Eram com effeito os sobrinhos de Fina. Esta princeza tinha-lhes dado muito de comer antes de ir para o palacio, mas como já se havia passado muito tempo, elles queriam comer mais; abriram-se as caixas, e a gente ficou muito admirada de achar duas creanças muito lindas. Rico-Cautela logo viu que era ainda uma peça de Fina; concebeu um furor tal, que se não póde explicar, e as suas dôres augmentaram a um tal ponto, que se viu que elle não escaparia.

Bello-a-ver ficou muito penalisado, e Rico-Cautela, perfido até o seu ultimo momento, tratou de abusar da amizade de seu irmão.

—Tendes-me sempre amado, lhe disse elle, e choraes a minha perda; já não preciso das provas da vossa amizade pelo que respeita á que vos tenho. Vou morrer, mas se me amaes verdadeiramente, promettei-me que me fareis o que vou pedir.

Bello-a-ver, no estado em que via seu irmão, sentia-se incapaz de lhe recusar cousa alguma, e prometteu-lhe com os mais terriveis juramentos, que lhe faria tudo o que elle lhe pedisse. Logo que Rico-Cautela ouviu estes juramentos, disse a seu irmão, abraçando-o:

—Morro consolado, principe, pois que serei vingado; o que tenho de vos pedir é que caseis com Fina logo que eu morrer. Sem duvida obtereis esta maligna princeza, e logo que ella esteja em vosso poder, apunhalal-a-heis. Bello-a-ver horrorisou-se ouvindo estas palavras, arrependeu-se da imprudencia dos seus juramentos mas já era tarde para se desdizer e nada quiz testimunhar do seu arrependimento a seu irmão, que expirou poucos minutos depois. O rei seu pae teve uma dôr sensivel, e o povo, em logar de chorar a morte de Rico-Cautela, ficou contentissimo, porque a sua morte assegurava a successão do reino a Bello-a-ver, cujo merito era sabido de todos.

Fina, que estava felizmente com suas irmãs, soube bem depressa da morte de Rico-Cautela, e pouco tempo depois annunciou-se ás tres princezas a volta do rei seu pae. Este principe foi logo á torre, e a primeira cousa que fez foi dizer que queria ver as rocas de vidro. Preguiçosa foi buscar a roca de Fina, mostrou-a ao rei, e depois fazendo-lhe uma profunda reverencia, foi tornar a pôr a roca onde a tinha achado. Falladora fez o mesmo; e Fina apresentou por fim a sua roca; mas o rei, que era desconfiado, quiz ver as tres rocas ao mesmo tempo. Só Fina póde mostrar a sua, e o rei enfureceu-se tanto contra as suas duas filhas mais velhas, que as mandou logo á fada que lhes tinha dado as rocas, pedindo-lhe que as guardassem comsigo toda a vida, e que as castigasse como ellas o mereciam.

Para principiar o castigo das princezas, a fada levou-as para uma galeria do seu castello encantado, onde tinha mandado pintar a historia de um grande numero de mulheres illustres, que se tinham feito celebres pelas suas virtudes e pela sua vida laboriosa. Por um effeito maravilhoso da arte das fadas, todas estas figuras tinham movimento, e estavam em acção desde pela manhã até á noite. De todos os lados se viam tropheos em honra e gloria d'estas mulheres virtuosas, e não foi pequena mortificação para as duas irmãs compararem o triumpho d'estas heroinas com a situação desprezivel a que as tinha reduzido a sua desgraçada imprudencia. Demais, a fada disse-lhes que se ellas se tivessem occupado tão bem como aquellas, cujos retratos viam, não commetteriam as indignas faltas com que se tinham perdido, mas que *a ociosidade era a mãe de todos os vicios*, e a origem de todas as suas desgraças. A fada acrescentou que, para que ellas não tornassem a cair em desgraças similhantes, e para lhes fazer reparar o tempo perdido, ia dar-lhes occupação. E com effeito obrigou estas princezas a empregaram-se nos trabalhos mais grossei-

ros e mais vis: mandava-as ao jardim colhêr hervilhas, e arrancar as hervas más. Preguiçosa não pôde resistir á desesperação que teve de passar uma vida pouco conforme ás suas inclinações, e morreu de desgosto e de cansaço. Falladora, que achou meio, algum tempo depois, de fugir de noite do castello da fada, quebrou a cabeça contra uma arvore, e morreu d'esta ferida nas mãos dos camponezes.

O bom natural de Fina lhe causou uma viva dôr pela sorte de suas irmãs; e, no meio dos seus desgostos, soube que o principe Bello-a-ver a tinha pedido, para casar, ao rei seu pae, que a tinha concedido sem a advertir; pois que, ja n'aquelle tempo, a inclinação dos dois esposos era o de que menos caso se fazia nos casamentos. Fina tremeu quando o soube; tremia e com razão, que o odio que Rico-Cautela lhe tinha tido, tivesse passado para o coração de um irmão de quem tão querido era; e receiou que este joven principe só quizesse casar com ella para a sacrificar a seu irmão. Inquieta, foi consultar a sábia fada, que a estimava tanto como tinha desprezado Preguiçosa e Falladora.

A fada nada quiz revelar a Fina; só lhe disse:—Princeza, sois sábia e prudente; se até agora tendes tomado medidas tão justas para a vossa conducta, é porque sempre tivestes na ideia que a desconfiança é a mãe da segurança. Continuae a lembrar-vos vivamente da importancia d'esta maxima, e sereis feliz sem os soccorros da minha arte. Fina não podendo saber mais, voltou para o palacio n'uma extrema agitação.

Alguns dias depois esta princeza foi esposada por um embaixador em nome do principe Bello-a-ver; e foi conduzida para seu marido n'uma magnifica carruagem. Fizeram-se-lhe soberbas entradas nas duas primeiras cidades fronteiras do rei Benigno, e na terceira achou ella o principe Bello-a-ver, que tinha vindo adiante encontrar-se com a princeza por ordem de seu pae. Toda a gente estava admirada de ver a tristeza do principe por um casamento que elle tinha parecido desejar; o rei mesmo o tinha mandado, contra vontade d'elle, ao encontro de sua esposa.

Quando Bello-a-ver a viu, ficou maravilhado da sua belleza; comprimentou-a por ser tão linda, mas de um modo tão confuso, que as duas côrtes, que sabiam quanto este principe era espirituosa e galante, julgaram que á força de ser amoroso, perdia a sua presença de espirito. Toda a cidade retumbava com gritos de alegria, e de todos os lados só se ouviam concertos e fogos de artificio. Finalmente, depois de uma magnifica ceia, conduziram-se os dois esposos para o seu quarto.

Fina, que se lembrava sempre da maxima de que a fada lhe tinha renovado a ideia, tinha já o seu designio na cabeça. Esta princeza tinha comprado uma criada, que tinha a chave do quarto que lhe era destinado; e tinha ordenado a esta mulher que levasse para este gabinete palha, uma bexiga, sangue de carneiro, e as tripas de alguns dos animaes que se tinham comido á ceia. Depois passou para este gabinete com algum pretexto, e compôz uma figura de palha, na qual poz as tripas e a bexiga cheia de sangue. Depois arranjou esta figura, pondo-lhe um vestido simples, e uma touca de dormir na cabeça. Tendo acabado de fazer esta boneca, foi outra vez reunir-se á sociedade, e pouco tempo depois a princeza e seu esposo foram conduzidos ao seu quarto. A dama de honra, tendo dado o tempo de se despirem, levou os castiçaes e retirou-se. Immediatamente, Fina poz a boneca de palha na cama e escondeu-se n'um canto.

O principe, tendo dado dois ou tres suspiros, pegou na sua espada e atravessou com ella o corpo da supposta Fina. No mesmo instante sentiu o sangue correr por todos os lados e achou a boneca sem movimento.—Que fiz? exclamou elle; depois de ter hesitado tanto se cumpriria o meu juramento á custa de um crime, tirei a vida a uma tão linda princeza, que tinha nascido para eu amar! As suas perfeições me arrebatavam desde o primeiro momento em que a vi; e comtudo não tive a força de me libertar de um juramento, que um irmão possuido de furor tinha exigido de mim por uma surpreza indigna! Oh Deus! é possivel que se queira castigar uma mulher por ser virtuosa! Pois bem, Rico-Cautela, satisfiz a tua injusta vingança; vou agora vingar Fina pela minha morte. Sim, bella princeza, com a mesma espada... A estas palavras, Fina ouviu que o principe que, no seu transporte, tinha deixado cair a sua espada, a procurava para se servir d'ella. Não querendo que elle fizesse tal loucura, gritou-lhe:—Principe, eu não estou morta. O vosso bom coração me fez adivinhar o vosso arrependimento, e por um engano innocente, poupei-vos a um crime.

Então Fina contou a Bello-a-ver a previdencia que ella tinha tido a respeito da boneca de palha. O principe, transportado de alegria quando viu que a princeza vivia, admirou a prudencia que ella tinha em todas as occasiões e teve-lhe em grande obrigação o ter-lhe poupado um crime, no qual não podia pensar sem hor-

e não podia comprehender como elle tinha a fraqueza de não ver a nullidade dos desmedidos juramentos, que seu irmão tinha d'ella exigido artificiosamente.

Comtudo, se Fina não estivesse bem persuadida que a *desconfiança é a mãe da segurança*, teria morrido, e a sua morte teria sido causa da de Bello-a-vêr; e depois ter-se-iam feito raciocinios sobre os estravagantes e singulares sentimentos d'este principe! Viva a prudencia e presença de espirito! ellas preservaram estes dois esposos de desgraças bem funestas para os reservar para a mais bella sorte e destino que póde haver. Tiveram sempre um para o outro um extremo amor, e passaram muito bellos dias n'uma alegria e felicidade difficeis de descrever.

PELLE DE BURRO

Era uma vez um rei tão grande, tão amado dos seus povos, e tão respeitado pelos seus visinhos e alliados, que se podia dizer, que elle era o mais feliz de todos os monarchas. A sua felicidade era confirmada pela escolha que tinha feito de uma princeza tão bella como virtuosa, e estes felizes esposos viviam n'uma perfeita união. Do seu casto hymeneu tinha nascido uma filha dotada de tantas graças e prendas, que por isso não sentiam a falta de mais filhos.

A magnificencia, o gosto e a abundancia reinavam no seu palacio; os ministros eram sabios e habeis; os cortezãos virtuosos; os domesticos fieis e laboriosos; as cavallariças vastas e occupadas pelos mais bonitos cavallos do mundo: mas o que admiravam mais os estrangeiros, que vinham vêr aquellas bellas cavallariças, era que no melhor logar d'ellas havia um famoso burro com grandes e compridas orelhas. Não era por phantasia, mas sim com razão, que o rei lhe tinha dado um logar particular e distincto. As qualidades d'este orelhudo animal mereciam esta rara distincção, pois que a natureza o tinha formado tão extraordinario que o seu esterco, em logar de ser porco, estava todas as manhãs coberto com profusão de moedas de ouro e de prata, que se apanhavam quando elle se levantava.

Ora como as vicissitudes da vida se estendem tanto sobre os reis como sobre os subditos, e sempre os bens são misturados de alguns males, o céo permittiu que a rainha fosse subitamente atacada por uma forte doença, para a qual, apesar da sciencia e da habilidade dos medicos, não se póde achar soccorro algum. A tristeza foi geral.

O rei, sensivel e amoroso, não obstante o famoso proverbio que diz, que o hymeneu é a sepultura do amor, affligia-se sem moderação, fazia promessas a todos os templos do reino, e offerecia a sua vida pela da esposa tão querida; mas os deuses e as fadas eram invocadas debalde. A rainha, sentindo que ia morrer, disse a seu esposo, debulhada em lagrimas:—Antes de morrer exijo de V. M. uma cousa, e é que se V. M. quizer tornar a casar... A estas palavras o rei deu gritos, pegou nas mãos de sua mulher, banhou-as de lagrimas, e assegurou-lhe que era superfluo fallar-lhe de um segundo casamento.—Não, não, disse elle finalmente, minha cara rainha, diga-me antes que a siga.—O estado, replicou a rainha com firmeza, exige successores, e como eu só dei a V. M. uma filha, exige que tenhaes filhos que se vos assemelhem, mas peço a V. M. instantemente, por todo o amor que me teve, que não ceda ao seu povo, senão quando achar uma princeza mais bella e mais linda que eu; jure-m'o, e morrerei contente. Presume-se que a rainha, que tinha algum amor proprio, exigira este juramento, não pensando que houvesse no mundo mulher que podésse igualal-a, mas julgando que isto lhe certificava que e rei não se tornaria a casar. Finalmente morreu. Nunca marido algum fez tanta bulha; chorar e soluçar de dia e de noite foi a sua unica occupação.

As grandes dores não duram. Demais os grandes do estado reuniram-se, e foram juntos pedir ao rei que tornasse a casar. Esta primeira proposição pareceu-lhe dura, e fez-lhe derramar novas lagrimas. Allegou o juramento que tinha feito á rainha, presumindo bem que todos os seus conselheiros não poderiam achar uma princeza mais bella e mais bem feita que sua mulher. Mas o conselho de estado tratou de brincadeira uma tal promessa e disse que pouco importava a belleza, contanto que uma rainha fosse virtuosa e não fosse esteril; que o estado pedia principes para sua tranquilidade; que na verdade a infanta tinha todas as qualidades necessarias para ser uma grande rainha, mas que era preciso casal-a com um estrangeiro; e que então, ou este estrangeiro a levaria comsigo, ou se reinasse com ella, os seus filhos não seriam reputados do mesmo sangue; e que não havendo mais nenhum principe do seu nome, os povos visinhos poderiam suscitar-lhe guerras, que trariam comsigo a ruina do reino. O rei, tocado por estas considerações, prometteu que cuidaria em satisfazel-os. Effectivamen-

te procurou entre as princezas, que havia de idade de casar, qual poderia convir-lhe. Todos os dias se lhe traziam retratos soberbos, mas nenhum tinha as graças da Rainha defunta. Desgraçadamente lembrou-se de achar que a infanta sua filha, era não sómente bellissima e mui bem feita, mas que tambem excedia sua mãe em espirito e qualidades. A sua mocidade e belleza inflammaram o rei de um tão violento fogo, que não póde occultal-o á princeza, e disse-lhe que estava resolvido a casar com ella, pois que só ella podia libertal-o do seu juramento.

A infanta, cheia de virtudes e de pudor, quasi desmaiou a esta terrivel proposição. Lançou-se aos pés de seu pae, e pediu-lhe, com toda a força, que póde achar no seu espirito, que a não constrangesse a commetter um tal crime.

O rei, que tinha mettido na cabeça este diabolico projecto, consultou um velho druida para tranquillisar os escrupulos da princeza. Este druida, mais ambicioso que religioso, sacrificou o interesse da innocencia e da vitude á honra de ser o confidente de um grande rei, e com tanta habilidade se insinuou no espirito do rei, de tal sorte lhe adoçou o crime que ía commetter, que lhe chegou a persuadir que era uma obra pia casar com sua filha. Este principe, satisfeito com os discursos de um tal malvado, abraçou-o, e voltando para o seu palacio cada vez mais obstinado, ordenou á infanta que obedecesse.

A princeza, possuida de uma viva dôr, determinou-se a ir ter com a fada *dos Lyrios,* sua madrinha. Para este fim partiu n'aquella mesma noite n'um lindo carrinho puxado por um grande carneiro que sabia todos os caminhos. Chegou lá felizmente. A fada, que era muito amiga da infanta, disse-lhe que sabia tudo o que ella lhe vinha dizer, mas que não tivesse cuidados, que nenhum mal resultaria se executasse fielmente o que lhe ía prescrever; porque seria uma grande falta se a minha cara filha, disse a fada, casasse com seu pae; mas sem o contradizer, póde evital-o; diga-lhe, que para satisfazer uma phantasia que tem, é preciso que elle lhe dê um vestido da côr do tempo; jámais com todo o seu amor e todo o seu poder, elle lh'o poderá dar. A princeza agradeceu a sua madrinha, e logo ao outro dia pela manhã, disse a seu pae o que a fada lhe tinha aconselhado, e protestou que não responderia ao seu amor sem ter um vestido da côr do tempo. O rei, contente com a esperança que ella lhe dava, juntou os mais famosos artistas, e encommendou-lhes este vestido, com a condição que se lh'o não fizessem, seriam todos enforcados. [illegible] teve o desgosto de cumprir a ameaça; porque logo ao segundo dia trouxeram o vestido tão desejado. O céo não é de um tão bello azul, quando está cingido de nuvens de ouro, como o era este lindo vestido. A infanta ficou tristissima, e não sabia de que maneira se libertaria de um tal embaraço. O rei queria concluir. Recorreu ainda á sua madrinha que, admirada de que o seu segredo não tivesse tido bom exito, disse-lhe que pedisse outro vestido da côr da lua. O rei, que não podia recusar-lhe cousa alguma, mandou chamar os mais habeis artistas, e recommendou-lhes tão expressamente este vestido, que entre ordenal-o o rei o trazerem-o elles, não passaram vinte e quatro horas. A infanta, mais satisfeita com o vestido do que dos cuidados de seu pae, affligiu-se immoderadamente, quando ficou só com as suas criadas e com a sua ama. A fada dos Lyrios, que sabia tudo, veio em soccorro da afflicta princeza, e disse-lhe: Ou eu me engano muito, ou julgo que se V. A. pedir um vestido da côr do sol, desgostaremos seu pae, pois que jámais se poderá fazer tal vestido; ao menos ganharemos tempo. A infanta conveio n'isso e pediu o vestido; e o amoroso rei deu sem pena todos os diamantes e rubis da sua corôa para ajudar a esta soberba obra, com ordem de nada se poupar para fazer este vestido igual ao sol. Logo que elle foi feito, todas as pessoas que o viram, foram obrigadas a fechar os olhos. É d'aquelle tempo que datam os oculos verdes e os vidros pretos. A infanta, quando o viu, ficou attonita; nunca se tinha visto trabalho tão bello e tão bem feito; sob pretexto de soffrer dos olhos, retirou-se para o seu quarto, onde a fada a esperava. Esta, quando viu o vestido, fez-se vermelha com a raiva que sentiu.—Oh! d'esta vez, minha filha, disse ella á infanta, vamos fazer sobre o amor indigno do pae de V. A. uma experiencia bem forte. Penso que elle está muito obstinado com este casamento, que julga bem proximo; mas creio que ficará algum tanto atrapalhado quando lhe pedir o que lhe vou dizer: a pelle d'esse burro que elle tanto estima, e que dá para todas as suas despezas com tanta profusão. Vá V. A. e diga-lhe que deseja essa pelle. A infanta, contente de achar ainda um meio para retardar um casamento que detestava, e que ao mesmo tempo pensava que seu pae não poderia nunca resolver-se a sacrificar o seu burro, foi ter com elle, e expôz-lhe o seu desejo de obter a pelle d'aquelle animal. Posto que esta phantasia causasse admiração ao rei, elle não hesitou em satisfazel-a. O pobre burro foi sacrificado, e a

pelle, galantemente offerecida á infanta, que, não vendo meio algum de evitar a sua desgraça, desesperou-se, a ponto de se querer matar, se lhe não acudira a fada sua madrinha.—Que fez, minha afilhada, disse ella, vendo a princeza arrancar os cabellos e ferir as faces, eis o mais feliz momento da vida de V. A. Cubra-se com essa pelle, saia d'este palacio, e caminhe constantemente; quando se sacrifica tudo á virtude, os deuses sabem recompensar. Vá, eu terei cuidado de que o que lhe pertence a siga por toda a parte; em qualquer logar que pousar, o seu bahu, em que estão os seus vestidos e as suas joias, a seguirá por baixo da terra, e eis aqui a minha varinha que lhe dou. Batendo com ella na terra, quando precisar do bahusinho, elle apparecerá á sua vista; mas apresse-se em partir, e não tarde. A infanta abraçou mil vezes a sua madrinha, pediu-lhe que a não abandonasse, cobriu-se com a pelle do burro, enfarruscou-se com carvão, e sahiu d'este rico palacio sem ser conhecida por pessoa alguma.

A ausencia da infanta causou um grande rumor. O rei, que tinha mandado preparar uma festa magnifica, ficou desesperado e estava inconsolavel. Mandou partir mais de cem homens de armas, e mais de mil soldados para irem procurar sua filha, mas a fada que a protegia, a tornava invisivel ás pesquizas mais bem feitas; assim o rei não teve remedio senão consolar-se.

Durante este tempo a infanta caminhava sempre. Ella foi muito longe, muito longe, ainda mais longe, e por toda a parte procurava um emprego, mas apesar de lhe darem de comer por caridade, achavam-a tão suja, que ninguem a queria para seu serviço. Entrou n'uma bella cidade, a cuja porta havia um casal; a dona d'este casal precisava de uma moça para lavar as rodilhas, limpar os perús e as pias dos porcos. Esta mulher, vendo a nossa viajante tão porca, offereceu-lhe tomal-a para moça, o que a infanta acceitou de boa vontade, porque já estava cansada de ter andado tanto. Pozeram-a n'um canto da cosinha, onde, nos primeiros dias, ella foi o alvo das chufas grosseiras dos criados. Finalmente acostumaram-se a ella, que, além d'isso, cumpria tão bem com os seus deveres, que foi tomada pela ama, debaixo da sua protecção. Ella conduzia os cordeiros e levava os porcos a pastar com tal cuidado, que parecia que nunca tinha feito outra cousa; de maneira que tudo fructificava nas suas mãos.

Um dia, estando ao pé de uma magnifica fonte, onde muitas vezes chorava a sua triste condição, lembrou-se de ver na agua o seu retrato, e sentiu um grande susto, ao vêr a feia pelle de burro com que estava coberta. Tendo vergonha d'este nojento trajo, lavou a cara e as mãos, que eram mais brancas que o marfim, e as suas bellas côres recuperaram a sua antiga frescura natural. A satisfação de se achar tão bonita deu-lhe vontade de tomar um banho, o que fez; mas tornou a cobrir-se com a indigna pelle de burro para voltar para o casal. Felizmente no dia seguinte era um dia de festa; assim teve ella tempo de tirar o seu bahusinho, de se arranjar, de pentear os seus bellos cabellos e de vestir-se com o seu lindo vestido de côr do tempo. O seu quarto era tão pequeno, que a cauda d'este vestido não podia estender-se. A bella princeza admirou-se de si mesma com razão, de maneira que se resolveu, para se divertir, a vestir, um depois do outro, todos os seus lindos vestidos nos dias de festas e nos domingos, o que executou pontualmente. Entrançava flores e diamantes nos seus bellos cabellos com uma arte admiravel; e muitas vezes ella tinha pena de só ter por testemunha da sua belleza os seus carneiros e os seus perús.

Um dia de festa, em que *Pelle de Burro*, (este era o nome que lhe tinham dado no casal) se tinha vestido da côr do sol, o filho do rei, a quem este casal pertencia, entrou no casal para descançar algum tempo, porque vinha da caça. Este principe, moço, bello e mui bem feito, era o idolo de seu pae e da rainha sua mãe, e era adorado pelo povo. Offereceu-se a este principe uma merenda frugal, que acceitou; depois foi ver a casa, a capoeira, todos os cantos e escaninhos. Correndo assim, entrou n'um corredor escuro, no fim do qual via uma porta fechada. A curiosidade o fez olhar pelo buraco da fechadura. Mas qual foi a sua admiração, quando viu a princeza tão bella e tão ricamente vestida! Vendo o seu ar nobre e modesto, tomou-a por uma divindade. A impetuosidade do sentimento, que teve n'aquelle momento, lhe faria arrombar a porta, se não fosse o respeito que lhe inspirou esta bella pessoa.

Saiu com pena d'aquelle escuro corredor, mas foi para se informar de quem era que morava n'aquelle quartinho. Respondeu-se-lhe que era uma moça mui porca, que se chamava Pelle de Burro, por causa da pelle com que se vestia, e que ella era tão suja, que ninguem lhe fallava, e a tinham tomado por compaixão para guardar os porcos e os carneiros.

O principe, pouco satisfeito, bem viu que esta gente grosseira nada mais sabia e que era inutil questional-os. Voltou para o palacio do rei seu pae, mais amoroso do que se pensava, ten-

do continuamente diante dos olhos a bella imagem da divindade, que tinha visto pelo buraco da fechadura. Arrependeu-se de não ter batido á porta e prometteu que o faria para outra vez. Mas a agitação do seu sangue causada pelo ardor do seu amor, causou-lhe n'essa mesma noite uma febre terrivel, que em poucas horas o poz ás portas da morte. A rainha, sua mãe, que só tinha aquelle filho, desesperava, porque todos os remedios eram inuteis. Debalde promettia as maiores recompensas aos medicos; estes empregaram toda a sua arte; mas nada curava o principe. Finalmente adivinharam que um desgosto moral causava tudo isto; advertiram a rainha que, cheia de ternura, foi pedir a seu filho que lhe dissesse qual era a causa da sua doença e que se fosse preciso ceder-lhe a corôa, o rei, seu pae, desceria voluntariamente do throno, para que elle subisse; que se desejasse alguma princeza, quando mesmo se estivesse em guerra com o pae, e que houvessem justos motivos de queixa, tudo se sacrificaria para obter o que elle desejava; mas que lhe supplicava não se deixasse morrer, pois que da vida d'elle dependia a d'ella. A rainha não acabou este tocante discurso sem molhar o rosto do principe com uma torrente de lagrimas.

—Senhora! disse emfim o principe com uma voz mui fraca, não sou assáz barbaro para desejar a corôa de meu pae; oxalá que elle viva bastante tempo e que eu seja muito tempo o mais fiel e o mais respeitoso dos seus subditos! Emquanto ás princezas que V. M. me offerece, ainda não penso em casar, e V. M. bem sabe que, sujeito como eu sou ás suas vontades, obedecer-lhe-hei sempre, custe o que me custar.

—Ah! meu caro filho! nada nos custará para te salvar a vida; mas, meu caro filho, salva a minha e a do rei, teu pae, declarando-me o que desejas, e fica certo que te será concedido.

—Pois bem, senhora, vou obedecer a V. M.; eu commetteria um crime, pondo em perigo duas vidas, que me são tão caras. Sim, minha mãe, desejo que Pelle de Burro me faça um bolo e que logo que esteja feito, m'o tragam. A rainha, admirada d'este nome singular, perguntou: Quem é Pelle de Burro?

—E', minha senhora, respondeu um dos officiaes, que por acaso tinha visto esta rapariga, é o animal mais feio depois do lobo; uma pelle negra, uma porca que está no casal de V. M. e que guarda os perús.

—Não importa, disse a rainha; talvez que meu filho, voltando da caça, comesse bolos feitos por ella; é uma phantasia de doente, e a palavra, quero que essa Pelle de Burro lhe faça promptamente um bolo. Correu-se ao casal e mandou-se vir Pelle de Burro para lhe ordenar que fizesse um bolo bem feito para o principe.

Alguns auctores dizem, que quando o principe olhára pelo buraco da fechadura, os olhos de Pelle de Burro o tinham visto, e que depois olhando pela sua janella, ella tinha visto este principe, tão moço, tão bello e tão bem feito, que conservára a ideia d'elle e que esta ideia lhe tinha já custado alguns suspiros. Seja o que for, ou Pelle de Burro o tivesse visto ou tivesse ouvido fallar d'elle com elogio, contente de poder achar um meio de ser conhecida, fechou-se no seu quarto, tirou a sua feia pelle, lavou a cara e as mãos, penteou os seus louros cabellos e poz-se a fazer o bolo tão desejado; serviu-se da mais pura farinha e dos ovos e da manteiga mais frescos que póde encontrar. Quando ella estava a trabalhar, ou de proposito, ou de outra maneira, um annel que ella tinha no dedo, caiu na massa e misturou-se com ella; e logo que acabou de fazer o bolo, vestindo-se outra vez com a sua feia pelle de burro, deu o bolo ao official do principe e pediu-lhe noticias da sua saude; mas este homem não se dignou responder-lhe, correu a levar o bolo ao principe.

O principe pegou n'elle com avidez e comeu-o com tal voracidade, que os medicos que estavam presentes disseram logo que este furor não era bom signal; effectivamente o principe quasi se esganara com o annel, que achou n'um pedaço do bolo; tirou-o logo da bóca e o seu ardor em devorar o bolo abrandou alguma cousa, quando examinou uma fina esmeralda n'um annel de ouro, cujo circulo mui pequeno pareceu-lhe que não podia servir senão ao mais lindo dedinho do mundo.

Beijou mil vezes este annel, pol-o debaixo do travesseiro e tirava-o a cada instante, quando julgava que ninguem o via. O tormento a que se deu para imaginar de que maneira poderia ver a dona do annel, porque não ousava esperar que, se pedisse para vêr Pelle de Burro, que tinha feito o bolo, lhe concedessem este favor; tambem se não atrevia a dizer o que tinha visto pelo buraco da fechadura, receiando que escarnecessem d'elle, e que o tratassem de visionario; todas estas ideias atormentando-o ao mesmo tempo, fizeram-lhe vir a febre com força; e os medicos não sabendo mais que fazer-lhe, declararam á rainha que o principe morria de amor. A rainha correu com o rei ao quarto de seu filho.

—Meu filho! meu caro filho, exclamou o monarcha com afflicção, nomeia-nos aquella que tu queres, pois juramos que t'a daremos, quando mesmo ella seja a mais vil escrava. A rainha, abraçando-o, confirmou o juramento do rei. O principe, enternecido pelas lagrimas e caricias dos auctores dos seus dias, lhes disse:—Meu pae e minha mãe, eu não tenho tenção de fazer uma alliança que desagrade a VV. MM.; e a prova d'esta verdade, disse elle tirando a esmeralda debaixo do travesseiro, é que eu casarei com a pessoa a quem este annel servir, seja quem fôr; e não é provavel que a pessoa que tiver este lindo dedo seja alguma rustica camponeza. O rei e a rainha pegaram no annel, examinaram-o curiosamente e julgaram, assim como o principe, que este annel só podia servir a uma menina de boa familia. Então o rei tendo abraçado seu filho, disse-lhe que descansasse; e mandou tocar todos os tambores, pifanos e trombetas por toda a cidade, e apregoar pelos seus arautos, que a mulher a quem servisse um annel que havia no palacio, casaria com o herdeiro do throno.

Primeiro chegaram as princezas, depois as duquezas, as marquezas, as condessas, viscondessas e baronezas; mas por mais que adelgaçaram os dedos, a neuhuma serviu o annel. Passou-se depois ás outras raparigas, que posto que bem bonitas, tinham todas os dedos grossos. O principe, que já ia melhor, era o proprio que examinava. Depois vieram as criadas; tambem lhes não servia. O principe pediu então que viessem as cozinheiras, as pastoras de carneiros, etc.; tudo isto veio; mas os seus dedos grossos, vermelhos e curtos, não entravam mais longe do que a unha.—Essa Pelle de Burro, que me fez um bolo os dias passados, já veio? perguntou o principe. Todos se pozeram a rir, disseram que não, por causa da sua porcaria. —Que a vão buscar já, já, disse o rei; que se não diga que eu exceptuei alguem. Foi-se buscar a guarda-porcos.

A infanta, que tinha ouvido os tambores, e os gritos dos arautos, logo ajuizou que o seu annel era o que fazia toda aquella bulha; ella amava o principe, e como o verdadeiro amor é timido e não é vaidoso, tremia a cada momento que alguma dama tivesse o dedo tão delgado como o seu. Portanto já se vê que ficou bem contente quando a vieram buscar, e que se bateu á sua porta. Desde que ella tinha sabido que se procurava um dedo que servisse no seu annel, não sei que esperança a tinha feito arranjar-se com mais cuidado, e vestir-se com um vestido bordado a ouro com rendas de prata, semeiadas de esmeraldas. Logo que ouviu que batiam á sua porta, e que a chamavam para ir ao palacio, cobriu-se promptamente com a pelle de burro, abriu a porta; aquelles que a vinham buscar, escarnecendo d'ella, disseram-lhe que o rei a mandava buscar para casar com seu filho; depois, com grandes gargalhadas de riso, levaram-a para o palacio, onde o principe, admirado tambem do vestido da infanta, não ousou crêr que era a que elle tinha visto tão bella e tão pomposa. Triste e envergonhado de se ter enganado tão grosseiramente, disse-lhe: —Tu é que moravas no fim do corredor escuro ao pé da terceira capoeira do casal?—Sim, principe.—Mostra-me a tua mão, disse elle tremendo e dando um profundo suspiro. Mas quem ficou bem admirado e attonito foi o rei e a rainha, e todos os grandes e fidalgos da côrte, quando debaixo d'aquella pelle negra e porca, saiu uma pequena mão delicada, branca e cor de rosa, e o annel entrou sem difficuldade no mais bonito dedinho que se podia vêr; e por um pequeno movimento que a princeza fez, a pelle caiu, e ella appareceu de uma belleza tão rara, que o principe, ainda fraco, poz-se de joelhos dianta d'ella, e apertou-lhe os seus joelhos com tal ardor, que a fez córar; mas não se reparou n'isso, porque o rei e a rainha correram a abraçal-a com ternura, e a perguntar-lhe se ella queria casar com o principe. A princeza, confusa com tantas caricias, e tocada do amor que lhe mostrava aquelle bello mancebo, ia agradecer-lhes, quando o tecto se abriu, e a Fada dos Lirios, descendo n'um carro, feito dos ramos e flores do seu nome, contou com muita graça a historia da infanta. O rei e a rainha contentes por verem que Pelle de Burro era uma grande princeza, redobraram as suas caricias e o principe foi mais sensivel á virtude da princeza, e o seu amor mais augmentou com este conhecimento.

A impaciencia do principe foi tal, que apenas deu o tempo de se fazerem os preparativos convenientes para este augusto hymeneu. O rei e a rainha, que estavam doudos pela nora, faziam-lhe mil afagos e caricias, e a abraçavam a cada momento; ella tinha declarado não poder casar com o principe sem o consentimento do rei, seu pae; e portanto foi elle o primeiro convidado, sem se lhe dizer quem era a noiva; a Fada dos Lirios, que presidia a tudo, como devia ser, tinha exigido isso por causa das consequencias. Vieram reis de todos os paizes; uns em cadeirinhas, outros em carrinhos, e os de mais longe montados em elephantes, em tigres ou em aguias, mas o mais magnifico e mais

poderoso foi o pae da infanta, que felizmente tinha esquecido o seu louco amor, e tinha casado com uma rainha viuva mui bella, da qual não tinha tido filhos. A infanta foi adiante de seu pae, que a conheceu logo, e abraçou com muita ternura, antes que ella tivesse tempo de se pôr de joelhos. O rei e a rainha apresentaram-lhe seu filho, a quem o pae da princeza mostrou muita amizade. As nupcias fizeram-se com toda a pompa e magnificencia. Os esposos, pouco sensiveis a tudo isto, só se viam e olhavam um ao outro. O rei, pae do principe, fez coroar seu filho no mesmo dia, e beijando-lhe a mão, pôl-o sobre o seu throno, e apesar da resistencia d'este tão estimavel principe, foi preciso obedecer. As festas d'este illustre casamento duraram perto de tres mezes; mas o amor dos dois esposos duraria ainda hoje, se elles não morressem cem annos depois, como morreram.

FIM

INDICE

O Chapelinho Vermelho, ou a Fada e o Lobo 3
As Fadas ou a Menina bem creada 4
O Barba-Azul, ou a Nodoa de Sangue 5
A Bella adormecida no bosque, ou a Rainha Lobishomem 6
O Gato com botas 9
Borralheira ou o sapatinho de vidro 11
Riquete da Crista, ou a Princeza estupida 18
O Pequeno Pollegar, ou as botas de sete leguas do Lobishomem 16
A Princeza Fina, ou as rocas de vidro 19
A Pelle de Burro. 27

PORTO—IMPRENSA MODERNA—RUA DE PASSOS MANOEL, 55 E 57